

DE CARONA COM HISTÓRIAS



DE CARONA COM HISTÓRIAS

JULIANA REIS

DE CARONA COM HISTÓRIAS

Casos reais de viagens entre Brasília e Goiânia

De carona com histórias – caos reais de viagens entre Brasília e Goiânia
Juliana dos Reis Freitas

REVISÃO
Paulo Paniago

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Juliana Reis

CAPA
Érica Santos

Dados catalográficos

Reis, Juliana
De carona com histórias | Juliana Reis; Brasília, 2011

Todos os direitos reservados à
Juliana Reis
rfs.juliana@gmail.com

**Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra,
por quaisquer meios, sem prévia autorização da autora.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a minha família que apesar de nossas diferenças sempre me apoiou e torceu por mim. Principalmente aos meus pais, por me darem todas as oportunidades para chegar até aqui.

Ao orientador/editor deste livro, professor Paulo Paniago, pela exigência e dedicação.

Aos amigos brasilienses e goianos que souberam administrar meu nomadismo, em especial aos companheiros de viagem pelo material para realizar um sonho.

A verdadeira viagem da descoberta consiste não em
procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos
Marcel Proust

- | | |
|--------------------------------|---|
| 1 - Auto-posto Canaverde | 11 - Posto Buriti |
| 2 - Barraquinhas | 12 - Jervá |
| 3 - Posto Pequi II | 13 - Posto Goiano e Lanchonete Sabor Goiano |
| 4 - Posto Pequi | 14 - Chaninhas Bar (Ambiente Familiar) |
| 5 - Polícia Rodoviária Federal | 15 - Posto Paineiras |
| 6 - Ambev | 16 - Posto Medalhão |
| 7 - Auto-posto Cerrado | 17 - Posto e lanchonete Sabor de Goiás |
| 8 - Posto Mangueirão | 18 - Vilarejo Engenho das Lages |
| 9 - Jervá | 19 - Polícia Rodoviária Federal |
| 10 - Auto-posto Bastos 2 | 20 - Parque Leão |

13 - A lanchonete Sabor Goiano tem o enroladinho de queijo mais gostoso da estrada.

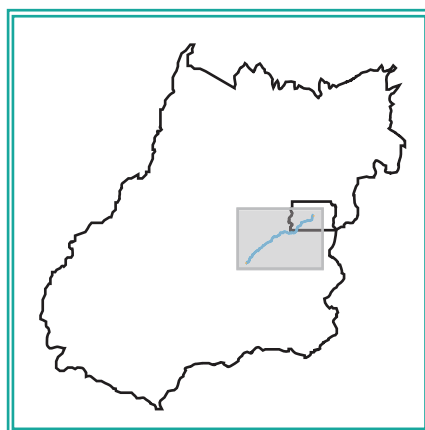
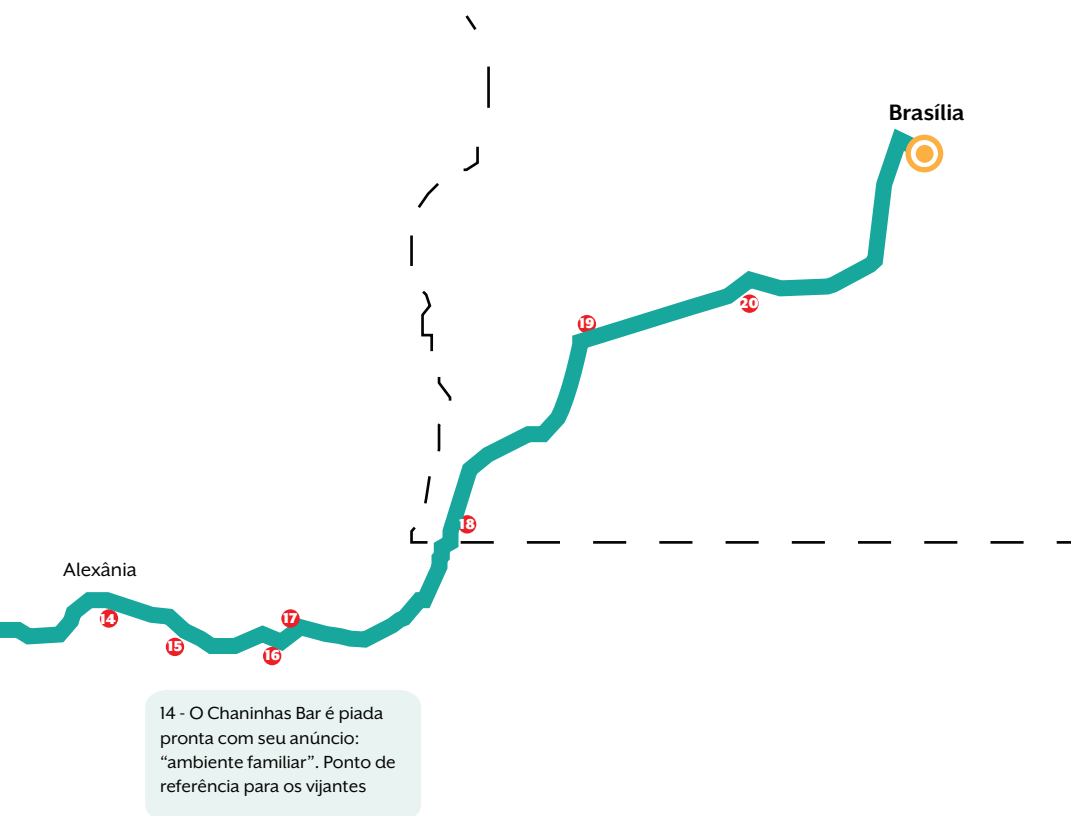
Abadiânia

Anápolis

Terezópolis

9 - A lanchonete Jervá é uma das mais famosas do trajeto entre Brasília e Goiânia. Faz tanto sucesso que criaram uma filial do outro lado da rodovia. Ambas em Abadiânia

Goiânia



PREFÁCIO	II
APRESENTAÇÃO AINDA TEM VAGA?	13
UM	
ORIGEM E DESTINO	15
DOIS	
EU VOU PARA GYN BSB DE CARONA	20
TRÊS	
CANDANGUÊS X GOIANÊS	25
QUATRO	
DISCUSSÕES SEM FIM	29
CINCO	
MEDO NA ESTRADA	34
SEIS	
CUIDADO, POLÍCIA NA PISTA	37
SETE	
ROMANCE: EMBARQUE E DESEMBARQUE	40
OITO	
ACIDENTES NO ASFALTO	44
NOVE	
PÍLULAS ANÔNIMAS	47
DEZ	
CAPÍTULO QUE CHEGA AO FIM	51

PREFÁCIO

ANTES DE ENCONTRÁ-LA pelos corredores ou salas de aula da Faculdade de Comunicação, conheci a Juliana Reis numa das caronas que peguei para ir de Brasília à Goiânia. Fazer parte da mesma comunidade na rede social mantida por goianos que estudavam na UnB foi o elemento de intersecção entre nós, duas goianas que passariam, pelo menos, quatro anos na Capital Federal. A primeira carona que pegamos juntas deu início a uma amizade especial, regada a muitos momentos de diversão e, é claro, a outras viagens combinadas. André, Vinícius, Luan, Marcelo, Alberto, Lara e tantos outros colegas protagonizaram conosco histórias, sorrisos e, sobretudo, maneiras de lidar com a saudade de casa.

Antes de nos encontrarmos, cada um já tinha feito outras viagens pelo esquema de carona. Lembro-me da minha primeira. Combinei de encontrar o pessoal no posto da Praça do Avião, em Goiânia, às 21h. Viajaria com três homens no carro, o que embranquecia, instantaneamente, os cabelos louros do meu pai. Eu disse a ele que era, aparentemente, seguro, que ligaria durante o trajeto. Ele anotou a placa do gol preto e fitou o dono do carro. Meu pai, filho das estradas deste Brasil, soltou meu braço e minha mala e passou, naquele momento, a segurar seu próprio coração. Pelo menos até eu ligar dizendo que estava tudo bem.

Poucos goianos se acostumam com a praticidade – para uns, até frieza – do modo brasileiro de viver. Por um lado, aquilo era tudo de que eu, uma prolixa goiana precisava, mas a saudade da terrinha me fazia ir e voltar incontáveis vezes. Decorei os nomes dos estabelecimentos na rodovia (Chaninhas Bar, por exemplo, é famoso), a quantidade de quebra-molas, os lugares onde as curvas eram mais fechadas. Era como se eu não precisasse de relógio durante a viagem,

cada quilômetro da estrada já significava uma variação de tempo na minha cabeça. “Se estamos em frente à fábrica da Ambev, chegaremos em Goiânia em uma hora e quinze minutos”. Simples assim.

Eu, Ju e vários colegas transitamos inúmeras vezes por esta estrada com tanta facilidade graças à ideia de um goiano, criador da comunidade no Orkut intitulada Eu vou para GYN BSB de carona. Superficialmente, uma comunidade de serviço de caronas. Um olhar mais estreito, no entanto, revela amizades, histórias, personalidades, laços. Certa vez, a viagem foi tão agradável que combinei com o motorista e o outro caroneiro de fazermos o trajeto sempre juntos. Era preciso somente enviar uma mensagem de confirmação para André, o dono do carro, e, na sagrada sexta feira, o nosso grupo via o pôr-do-sol pelas janelas do gol preto que “cantava sertanejo”.

Os pouco mais de 200 quilômetros entre as duas maiores cidades do Centro-Oeste, que no início pareciam um abismo, acabaram se transformando em atalho. Ao reunir histórias de alguns personagens que fizeram da BR-060 o “caminho da roça”, o livro De carona com histórias cumpre a função mais bonita e interessante do trabalho jornalístico: o de buscar na simplicidade e na insistência do cotidiano os melhores adjetivos para a vida. Ele proporcionará ao leitor a oportunidade de conhecer uma tradição; de viver uma aventura regada a saudade para aqueles que integraram a comunidade. E servirá de mola propulsora para que aqueles que ainda participam, para aumentar a vontade de não deixar morrer esta tradição.

É um trabalho temperado com as palavras de alguém que teve, durante anos, olhares e ouvidos afiados para captar tantas narrativas. Também é, querendo ou não, um diário, feito pela autora, mas assinado por todos nós.

MARIANE RODRIGUES | goiana formada em
jornalismo pela Universidade de Brasília

AINDA TEM VAGA?

“AINDA TEM VAGA?” As conversas entre caroneiro e motorista sempre começam assim, seja por telefone, mensagem de texto ou rede social. “Tem. Mas quem é que está falando mesmo?” Para quem faz o trajeto entre Brasília e Goiânia com frequência a viagem costuma vir antes da própria pessoa. Para muitos, o constante ir e vir é parte essencial da identidade.

“O problema de Juliana foi não se desligar de Goiânia”, escreveu o professor Paulo Paniago entre as diversas correções que fez neste trabalho. Culpada. Não tenho qualquer argumento que possa desmentir tal afirmação. Apesar de morar em Brasília há cinco anos, deixei ao menos um pé em Goiás e não sou a única. Por isso é possível encontrar uma comunidade virtual com mais de dois mil membros que pegam carona entre Brasília e Goiânia.

Qualquer que seja o pretexto, seja lavar roupas ou visitar a família, o que importa é mover-se entre um lugar e outro. De certa forma isso passa a fazer parte de nós, por isso algumas pessoas que já têm vida estabelecida e amigos e Brasília ainda continuam indo para Goiânia depois de vários anos.

Nesse livro o leitor é convidado a pegar carona nessas histórias e entender um pouco do que é ser goiano em Brasília. Para aqueles que aceitarem embarcar nessa leitura e desvendar a estrada entre as duas cidades, ficam alguns avisos.

Primeiro. As situações retratadas nestas páginas foram vividas pelos membros da comunidade Eu vou de carona para GYN BSB, na maioria estudantes da Universidade de Brasília (UnB). Apesar das generalizações propostas no texto, não se deve dizer que elas valem para todos os goianos e brasilienses, trata-se de um pequeno recorte desses dois universos.

Segundo. O termo goiano, que se refere a quem é natural de Goiás, é usado no decorrer de todo livro para se referir principalmente ao morador de Goiânia e região metropolitana. Apesar do adjetivo gramaticalmente correto para tal designação ser goianiense, preferi optar pela forma usada pelos viajantes.

Esclarecidos os termos desta viagem, sua vaga está garantida. Aperte o cinto e boa viagem.

ORIGEM E DESTINO

“ORA, O QUE É BRASÍLIA¹ senão um quadradinho dentro de Goiás?” Essa é uma frase que todo goiano já disse um dia na vida para implicar com um brasiliense. E a implicância é mútua. Seja numa turma só de goianos, só de brasilienses, ou com os dois, mais cedo ou mais tarde as rivalidades terão seu espaço. Se de um lado os brasilienses zombam do sotaque carregado no “r” e falam que goiano só come pequi, do outro os goianos aproveitam para chamá-los de “candangos”² ou “goianos do *quadradim*”.

Geograficamente, apenas 210 km separam Goiânia e Brasília, as maiores cidades do centro-oeste brasileiro, mas há um abismo histórico, cultural e ideológico entre as duas capitais. Se a planejada Goiânia nasceu sobre tradição sertaneja, em um estado considerado pelo resto do Brasil como “atrasado” e “caipira”, Brasília é uma ideia nova, símbolo de modernidade e de vanguarda, que trouxe o centro do país para as notícias. Só que enquanto Goiânia tem identidade cultural, Brasília é uma mistura de várias.

Apesar das tentativas de alguns estudiosos, é difícil definir uma cultura brasiliense. Brasília nasceu de uma massa de nordestinos que vieram trabalhar em sua construção, recebeu um grande número de

1 A autora está ciente de que o “quadradinho” é, na verdade, o Distrito Federal. Oficialmente, o nome Brasília corresponde à Região Administrativa I, que compreende o Plano Piloto, Setor Militar Urbano, Setor Noroeste, Setor de Indústrias Gráficas, Granja do Torto, Vila Planalto e Vila Telebrasil.

2 Candango: de origem africana, o termo *candango* significa “ordinário”, “ruim”, e era a denominação que se dava aos trabalhadores que vieram de outros estados para participar da construção de Brasília.

servidores públicos cariocas deslocados para o centro do país – talvez por isso seja cidade em que as pessoas vão para o parque correr de biquíni como se estivessem na praia. Foi invadida por goianos que enxergaram na proximidade com o poder uma nova oportunidade de trabalho e estudo. E continuou recebendo gente de todo canto do Brasil. Enfim, brasiliense não é carioca (por mais que ele queira), nem nordestino (que ele tenta camuflar), nem quer ser goiano (que ele tanto critica).

Para o goiano, no entanto, não há dificuldade alguma em definir o brasiliense: playboy sem camisa que provoca confusão na boate. Apesar de não ser regra geral, aqueles que estão sempre querendo “causar” fizeram com que o estereótipo pegasse. Fãs das festas goianas, os candangos lotam Goiânia durante grandes eventos, como Festa à Fantasia, Carna Goiânia e Exposição Agropecuária. Geralmente é fácil de identificá-los, pois além de normalmente estarem de camiseta regata ou sem camisa, costumam andar em um carro só com homens e com um aparelho GPS³ no painel.

Acostumados à organização do Planalto Central, não é estranho que quem vem de Brasília precise do GPS para encontrar qualquer coisa em Goiânia. Aliás, isso vale também para quem vem de qualquer lugar e até para os próprios goianienses. As ruas não seguem lógica aparente e só é possível achar qualquer endereço se você está familiarizado com os lugares ou por meio de pontos de referência. Muitas vezes os próprios goianos sofrem para chegar ao destino. Já Brasília parece totalmente absurda ao primeiro olhar de quem vem de fora, mas obedece a uma organização urbana que assim que o visitante entende consegue chegar a qualquer ponto da cidade.

Outra grande diferença entre as duas capitais é o trânsito. Enquanto uma tem vias largas e bem sinalizadas, a outra sofre com falta de sinalização, excesso de motos e motoristas imprudentes. Acostumados à bagunça do trânsito em Goiânia, quando vêm para Brasília os motoristas não conseguem acompanhar as vias rápidas, nunca param nas faixas de pedestre e se enlouquecem com as tais tesourinhas. Em Brasília, se alguém furou o sinal vermelho ou buzinou, pode conferir a placa e provavelmente você vai perceber que é de Goiás. Não é à toa que as barbeiragens no trânsito candango foram apelidadas de “goianadas”. Apelido que pegou até mesmo entre os próprios goianos que residem na capital federal.

3 GPS: Sistema de Posicionamento Global (*Global Positioning System*).

O calor, tanto o do tempo quanto o das pessoas, também merece ser mencionado. Goiânia é mais quente em ambos os aspectos. Ainda que os termômetros indiquem a mesma temperatura nos dois lugares, a umidade e a falta de vento dão a sensação de que a cidade é muito mais quente que Brasília. Em compensação, a baixa umidade em Brasília castiga durante o período de seca. Lábios rachados e nariz sangrando são sintomas comuns de agosto a outubro.

O povo goiano também é muito caloroso. É comum andar pelas ruas e encontrar famílias inteiras sentadas na calçada ou organizando churrasco com os vizinhos aos fins de semana. Em Brasília não existe isso, aliás, pouca gente sabe o nome de quem mora no apartamento em frente ao seu. Goiano de maneira geral é muito simpático e conversador. As pessoas batem papo com desconhecidos na rua como se fossem amigos de infância, basta um contato visual ou estar numa fila de supermercado, para o assunto render. Em Brasília as pessoas não gostam de dar informações ou ensinar endereços, nem de conversar com estranhos, são mais frias e distantes. Talvez seja medo de invadir o espaço do outro, coisa que em Goiás o pessoal não tem muito (frequentemente você consegue presenciar alguém entrar na conversa de desconhecidos simplesmente porque o assunto lhe interessou).

Falando em interesses, uma coisa em comum entre Brasília e Goiânia é o gosto pela música, apesar de os gêneros musicais serem muito diferentes. A primeira é a capital do rock n' roll, a segunda é a capital do sertanejo. Brasília tem sua história misturada com o rock, é a mãe de bandas e cantores que tomaram conta do cenário nacional, como Legião Urbana, Capital Inicial, Cássia Eller e Zélia Duncan. No entanto, apesar das tantas críticas a Goiás, o sertanejo universitário já contaminou Brasília. A casa do rock já vem sendo considerada por alguns como a cidade das oportunidades para as novas duplas sertanejas.

Em Goiás o repertório sertanejo é variado e vai desde as modas de viola, entoadas ainda hoje com entusiasmo inclusive pelos mais jovens, até o sertanejo universitário que domina ruas, bares, casas e rádios. Difícil encontrar quem não goste do ritmo, e mesmo quem diz não gostar provavelmente é capaz de falar o nome das duplas do momento e cantar músicas inteiras. Não tem muito como fugir porque o som está em todo lugar.

Além de tomar conta dos bares e de toda festa, a música sertaneja também é responsável por uma pitada de mistério e teorias da conspiração no interior do Brasil. Por exemplo, é fácil encontrar em Goiás

outdoors, placas e até mesmo caminhões anunciando a dupla sertaneja *Nerildo & Nerivan: Sucesso no Brasil!* Mas ninguém parece ter ouvido falar em Nerildo e Nerivan. Não há shows, não tem DVD pirata nos camelôs, nada. Daí não é estranho que se ouça muitas teorias sobre eles. Há aqueles que acreditam que os outdoors são mensagens em código de facções criminosas (podem ser também mensagens satânicas). Talvez seja marca de roupa. Tem quem diga até que eles são futuros candidatos à presidência. E a teoria mais famosa é a de que eles são donos dos espaços dos outdoors, ricos, e que cantar é apenas um hobby, que aproveitam para divulgar quando um outdoor está vazio.

O grande sucesso de Goiânia, no entanto, são as goianas. A beleza das mulheres é reconhecida em todo país, mas o que realmente as diferencia das outras é o quanto são vaidosas. Quem anda pelas ruas da cidade raramente encontra alguma mulher desarrumada. As moças de Goiânia estão sempre impecáveis, os cabelos não têm um fio fora do lugar, o rosto está constantemente maquiado, seja para ir ao supermercado ou a uma festa, e salto alto é de uso obrigatório. Mas isso não as torna esnobes, ao contrário, estão sempre com um sorriso estampado no rosto.

Outro diferencial goiano é a culinária. Além dos pratos típicos como arroz com pequi e pamonha (com queijo), Goiânia é a cidade dos *pit dogs*⁴. Apesar do nome estranho, os *pit dogs* são uma opção de comida rápida e barata, consequentemente são parada obrigatória na saída de qualquer balada. Não importa se a festa acabou às 5h da manhã, vale estacionar no *pit dog* e comer um x-tudo com guaraná. Essa prática virou tradição e faz falta para todo goiano quando está fora da cidade. A inexistência dos famosos *pit dogs* é uma das reclamações mais comuns entre os goianos que vivem em Brasília, onde não tem nada parecido, salvo um ou outro estabelecimento nas cidades satélites.

Falando nisso, e sair em Brasília e Goiânia, é a mesma coisa? Para quem sai à noite, as duas cidades têm boates famosas que movimentam a cidade. Mas no dia-a-dia Brasília tem muito mais opções de lazer. Dá para assistir a peças teatrais, visitar museus, apreciar exposições de arte, e até achar um ou outro filme fora do circuito hollywoodiano em cartaz. Teatro em Goiânia, só ser for o mais novo

4 Pit dog: É o cruzamento de lanchonete com barraquinha de cachorro quente. Uma sanduicheria ao ar livre, em geral ficam abertas das 18h às 6h.

show de Nilton Pinto e Tom Carvalho⁵ no Rio Vermelho⁶. Programa de goiano é ir para o bar com a galera.

Verdade seja dita, bar é o que não falta por lá, são mais de 15 mil segundo o presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurante de Goiás, Rafael Campos de Carvalho. Em algumas regiões há ruas inteiras só de bares com mesas que se espalham calçada afora, afinal, mais importante que transitar é curtir com os amigos. No fim do mês, quando a grana vai ficando mais apertada, a festa é transferida para a casa de alguém para o famoso TCC⁷ (truco, cerveja e churrasco). Mais uma vez tudo regado a muito sertanejo, tocado a toda altura para que a vizinhança inteira ouça, ou entoado com entusiasmo ao som de um violão, que também não pode faltar nessas reuniões.

Mas, apesar de toda animosidade, das diferenças que separam os goianos e os brasilienses, a BR 060 consegue aproximar as duas cidades, e você vai de carona nessa viagem recheada de histórias dos que vivem lá e cá.

5 Dupla de comediantes famosa em Goiás.

6 Teatro Rio Vermelho, no Centro de Convenções de Goiânia.

7 Trocadilho com Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

EU VOU PARA GYN BSB DE CARONA

KAZUTOYO SUGA, 28, mudou-se para Brasília em 27 de maio de 2002 para cursar mecatrônica na Universidade de Brasília. Por onde passa ele conquista as pessoas com bom papo e senso de humor. Assim que chegou a Brasília, Kazu foi morar na Nippo, espécie de alojamento na Asa Norte, próximo à UnB, que abriga, principalmente, pessoas de descendência japonesa. Apesar de gostar de Brasília, pegava o ônibus para Goiânia todos os fins de semana. À medida que se enturmou com outros goianos, descobriu um esquema de rachar a gasolina com alguém que tinha carro.

“Como eu sempre ia pra Gyn⁸ nos finais de semana, criei uma lista de telefones dos caroneiros, e com o passar do tempo já sabia os horários de costume das pessoas que ofereciam carona.” Graças às facilidades de pegar carona, Kazu continua ainda hoje voltando para Goiânia todos os fins de semana. Leonardo Ferreira, conhecido como Lobim, 29, veio para a capital federal na mesma época estudar engenharia mecânica. Ele se lembra como era difícil conseguir carona na época. “Quando você ia com alguém, já tinha que marcar a volta, independente do horário que a pessoa iria sair, ou corria o risco de ter que voltar de ônibus.”

Acontecia uma espécie de fidelização. A pessoa encontrava alguém que costumava ir para Goiânia aos fins de semana e marcava a vaga por tempo indeterminado. Quando deixava de ir uma vez corria o risco que outra pessoa assumisse seu lugar. Outro caroneiro dessa época, Alberto Oliveira, conta que aconteciam muitos problemas,

8 Gyn: abreviação do código aéreo de Goiânia. O termo foi incorporado pelos goianienses para referir-se a cidade. Lê-se /gim/.

por exemplo, alguns motoristas esqueciam-se que alguém tinha marcado com antecedência uma carona e arrumavam outros quatro caroneiros, então alguém tinha que ficar para trás.

A facilidade em fazer amigos fez com que Kazu se tornasse uma espécie de central de caronas entre os estudantes goianos da UnB. “Como eu sempre sabia de alguém que iria para Gyn ou voltaria para Bsb⁹, o pessoal começou a me consultar. Eu indicava as pessoas e até combinava as caronas. Quando alguém tinha vaga me falava, e eu ia divulgando para quem me ligava. Digamos que eu era a comunidade personalizada.”

Em 2004, quando a rede social Orkut começou a crescer no Brasil, começaram a surgir comunidades para qualquer assunto. Kazu pensou: “Por quê não criar uma também?”. Juntou o útil ao agradável e o resultado foi a comunidade *Eu vou para GYN BSB de carona*. Em pouco tempo ela “pegou” a turma que viajava com frequência entre as duas capitais. A entrada era liberada e o boca a boca fazia com que muita gente descobrisse a existência dessa alternativa com poucos dias de UnB, alunos da universidade foram o único público da comunidade até meados de 2007, quando havia aproximadamente 350 membros.

Porém, aos poucos várias pessoas de fora da UnB entraram e o número de participantes chegou a 1.300 no começo de 2010. Como a comunidade é um dos orgulhos de Kazutoyo, ele decidiu moderar o ingresso de novos participantes. “Percebi que havia muitos perfis *fake*¹⁰ e usuários fantasma. Pensei comigo mesmo: todo mundo que pega carona está se arriscando um pouco, é preciso que as pessoas possam confiar na comunidade.”

Além das restrições para entrar no grupo, Kazu excluiu todos os *fakes*, usuários com perfil duvidoso, inativos e sem nome. Também lançou regras de postagem a que todos os anúncios teriam que obedecer, por exemplo, especificar o valor cobrado, e passou a excluir os fora de padrão. A comunidade não se tornou apenas mais segura, como também ficou mais fácil de usar. Apesar de poucas postagens contra as novas normas, a maior parte dos usuários faz questão de elogiar, tanto na página virtual quanto durante as viagens.

Com o fortalecimento do Facebook no Brasil, a partir de setembro de 2010, e a queda de popularidade do Orkut, sempre

9 Bsb: Brasília. Lê-se /bê-esse-bê/.

10 Falsos.

tinha caroneiro comentando que só não havia deletado a conta ainda por causa da comunidade. Kazu pensou em transferi-la para o Facebook, no entanto desistiu da ideia por considerar a plataforma do Orkut mais adequada ao funcionamento. No entanto, quando alguns membros da comunidade tomaram iniciativa de criar uma página de caronas no Facebook, Kazu criou o grupo com o mesmo nome da comunidade, que também é moderado.

Para ser aceito na comunidade/grupo *Eu vou para GYN BSB de carona* é preciso no mínimo ter nome e sobrenome no perfil e foto. As chances de entrar aumentam se for aluno da UnB e diminuem se não tiver nenhum amigo na comunidade. Em média, Kazutoyo recebe 20 solicitações semanais para ingressar. “No começo de novembro deste ano foi horrível, a equipe de marketing do Orkut me fez o favor de fazer uma matéria e postar no Blog do Orkut com um link para a comunidade. Esses últimos dias foram terríveis, cerca de 200 pedidos por dia”, reclama. Segundo ele o objetivo não é que a comunidade tenha muitos membros, mas que seja um meio eficiente e seguro de buscar carona.

De tempos em tempos Kazu volta a fazer uma limpeza na comunidade e retirar perfis que não se enquadram no objetivo do grupo. Caso haja reclamações constantes sobre um mesmo caroneiro, ele também corre o risco de ser banido. “Há pouco tempo, por exemplo, excluí um cara que estava *trollando*¹¹ as postagens alheias e outro que ficou vendendo ‘muamba’ de Miami.”

Fora isso, a comunidade se autorregula bem, como na questão dos preços. Quando as caronas ainda funcionavam no boca a boca, mais por amizade que como serviço, a viagem entre Brasília e Goiânia era, em média, R\$ 10 para ir ou voltar. Com o surgimento da comunidade o valor cobrado passou a ser de R\$ 15, aos poucos subiu para R\$ 20 e hoje é, na maioria dos casos, R\$ 25. Nesse mesmo período a gasolina mudou de R\$ 1,57 o litro em 2004, para R\$ 2,59 em 2011.

“Nada disso é fixo, no entanto, quando praticamente todo mundo cobrava R\$ 15, tinha quem fazia a viagem por R\$ 25”, explica Kazu. A última alta de preços gerou grande discussão entre caroneiros e motoristas, mas no final a decisão foi que cada um deveria cobrar o que achasse justo, desde que deixasse explícito o valor no anúncio. Assim, quem acredita que R\$ 25 é caro pode procurar por alguém que cobre menos.

¹¹ Trollar: troçar, caçoar, debochar.

O aumento no preço das caronas, porém, não trouxe apenas desvantagens para quem viaja. Como o valor é maior, a maioria dos motoristas passou a levar apenas três caroneiros, tornando a viagem mais confortável para quem vai no banco de trás. Além disso, passaram a criar menos problemas para buscar as pessoas em casa – a menos que o passageiro more em alguma região totalmente fora da rota.

Apesar de alguns considerarem R\$ 25 um valor alto, ainda é menor que passagem de ônibus convencional, que atualmente é R\$ 32. “Quando você viaja de ônibus, além da passagem, ainda tem o valor do transporte até a rodoviária e depois da rodoviária da outra cidade até em casa”, lembra Kazu. Além de mais barato, os membros da comunidade consideram que é mais cômodo viajar de carro (porque a pessoa fica em casa), rápido e possibilita fazer amizades.

Semanalmente, cerca de 50 pessoas anunciam carona para Brasília ou Goiânia. Considerando que cada carro leva quatro passageiros, são 200 pessoas indo e vindo entre as duas cidades. Em época de feriado o movimento é ainda maior. Os motivos mais frequentes para transitar entre lá e cá são: visitar a família, amigos e namorados(as), levar a roupa suja, consultas médicas e odontológicas, fazer compras, comer melhor e não gostar de Brasília.

Entre as duas cidades o viajante passa pelas cidades de Terezópolis, Anápolis, Abadiânia e Alexânia, porém os membros da comunidade *Eu vou para GYN BSB de carona* não as conhecem. Cada município que passa é apenas ponto de referência, por exemplo, assim que passa Alexânia falta uma hora para chegar ao Plano Piloto. O mais próximo que os caroneiros ficam de conhecê-los são as paradas na estrada.

Alguns mais famosos como Sabor Goiano e Jerivá. As duas lanchonetes ficam lado a lado na entrada de Abadiânia e disputam clientes. Uns, por exemplo, preferem comer um Jerê¹² de carne de sol e suco de laranja feito na hora no Jerivá, outros não abrem mão dos famosos enroladinhos de queijo e suco de milho do Sabor Goiano. As barraquinhas de especiarias em Terezópolis também são conhecidas dos viajantes. Entre conservas de pequi, pimentas, doces variados, ervas e artesanatos, é possível saborear requeijão ainda quente.

O fato de o trecho da BR-060 entre as duas capitais ser todo duplicado é uma das facilidades que aumentou o fluxo. “Eu não viajaria tanto se fosse pista simples, acho muito perigoso”, comenta a motorista Denise Almeida. A farmacêutica está em Brasília há dois

12 Pastel assado

anos, desde que passou em concurso para trabalhar no Hospital das Forças Armadas e faz o trajeto a cada 15 dias.

Mas para que a estrada ficasse como está, foram 26 anos de obras. A duplicação do segmento Goiânia-Anápolis foi iniciada em 1981 e concluída em 1996. Em 1998 é que começaram as obras de Anápolis até Brasília, que complementa o trecho. Só em 2007 ocorreu a liberação total do tráfego. Ao todo no trecho entre Goiânia e Brasília foram gastos, com recursos do governo federal e do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), R\$ 265 milhões. O processo envolveu a criação e pavimentação de nova pista, além da restauração da que já existia.

Outra mudança importante foi o novo traçado no segmento das “sete curvas”, ou “curvas da morte”. O trecho caracterizado por sete curvas consecutivas apresentava grande número de acidentes. Segundo informações da Polícia Rodoviária Federal, aproximadamente 70% das mortes em acidentes do trajeto entre as duas capitais aconteciam nesse local, em média um acidente a cada três dias.

Problemas fazem parte da rotina de quem pega carona. Os mais comuns são atrasos, algumas vezes por causa do trânsito, outras porque o motorista ou algum passageiro é enrolado. Há também aqueles que cancelam de última hora e causam grandes transtornos a quem pega ou oferece a carona. É raro, mas existem casos de pessoas que foram esquecidas e tiveram que conseguir outra forma de viajar. Outras questões que podem gerar pequenos conflitos são estilo musical e altura do som, fumantes e carros muito pequenos com três passageiros no banco de trás.

Mas como há grande senso de solidariedade entre os caroneiros, normalmente uns alertam os outros sobre possíveis problemas. Quando as pessoas pegam carona com alguém imprudente, que atrasa muito, cancela na última hora ou que simplesmente esquece algum passageiro, costumam avisar para outros. Seja pela própria comunidade, seja conversando durante as viagens. Alguns chegam a anotar o nome de quem deu problema, motorista ou passageiro, para não marcar carona com a pessoa.

Quanto à segurança, fator de maior preocupação, poucos são os que consideram que é um risco pegar carona pela internet. “Confio porque sei que o proprietário da comunidade investiga as pessoas e não aceita qualquer um”, esclarece a publicitária Virgínia Meireles. O principal medo é pegar carona com motoristas imprudentes. “Você nunca sabe quem vai dirigir”, comenta o estudante de comunicação social Emerson Fraga. Para minimizar esse risco, muitas pessoas só viajam com conhecidos ou com quem têm amigos em comum.

CANDANGUÊS X GOIANÊS

VIAJAR ENTRE BRASÍLIA e Goiânia de carona às vezes parece *déjà vu*. Tirando aqueles que têm grupos fixos de carona, a cada ida e vinda você acaba conhecendo alguém novo. Isso acabou criando um pequeno ritual de apresentação que se repete a cada viagem. A cada passageiro que embarca o motorista fala o nome de cada pessoa no carro e a partir daí são feitas as perguntas de praxe: “O que você faz aqui em Brasília?”, “há quanto tempo está na cidade, já se acostumou?”, “mas você gosta de morar aqui?”, “vai voltar para Goiânia?”. Quando o que a pessoa faz em Brasília for interessante para os outros, o assunto continua até que um novo tema entre em pauta. A fórmula é repetida até que todos estejam devidamente apresentados.

Há também aqueles temas curingas que começam sempre que falta um assunto e dão a impressão de “eu já vi esse filme antes”. Um dos mais comuns é a diferença no vocabulário e no jeito de falar goiano e brasileiro. Ambos utilizam o português como base e incorporam características próprias. O *goianês*¹³ é uma variação do jeito de falar mineiro, com sua fala mansa e mania de emendar palavras. Já o *candanguês*¹⁴ não tem traços estereotipados, o que algumas pessoas costumam chamar “sotaque do Jornal Nacional”.

Algumas palavras até são utilizadas em território nacional, mas é só chegar ao Brasil Central e já surgem controvérsias. Por exemplo, a gíria *paia* em Brasília vira *palha* e é motivo para muitas discussões. O goiano argumenta que *paia* é alguma coisa sem graça, enquanto *palha* é aquilo que cobre o milho, ou no máximo um tipo de batata.

13 O termo *goianês* é utilizado pela autora para denominar o jeito de falar goiano.

14 *Candanguês* se aplica ao modo de falar dos cidadãos brasileiros.

A mesma coisa acontece com o *véi* ou *veio*, que geralmente é usado como vocativo ou para dar ênfase ao que é dito: “*Véi*, você não vai acreditar no que aconteceu”. Quando a gíria chegou a Brasília virou *velho*. O *velho*, que tinha o mesmo sentido do *véi* goiano, tomou conta do vocabulário brasiliense por um tempo, até que os brasilienses concordaram em se juntar ao resto do país e aceitar o *véi*. Em Goiás o único significado que sempre pôde ser aplicado à palavra *velho* é de uma pessoa idosa ou um objeto muito gasto.

Há aquelas formas de falar que são mais restritas a um ou outro lugar¹⁵. Em Brasília expressão comum é o *né*, usado para confirmar o que foi dito por outrem. Se duas pessoas estão conversando e uma delas faz alguma afirmação óbvia, como: “Nossa, como faz calor aqui”, o outro concorda com “*né?!*” (pronunciado num tom entre pergunta e exclamação) e a conversa pode prosseguir para o próximo tópico.

Existe também o *tipo*, que é falado em demasia no Planalto Central. Ele pode vir sozinho para ajudar a formular o pensamento ou acompanhado do *assim*. E acaba pegando, e tipo, muitos goianos reclamam de não conseguir se livrar dele tornando a conversa, tipo *assim*, irritante para quem ouve. Que o diga Leonardo Ferreira, o Lobim. “Eu estava morando em Brasília há alguns meses, mas nunca tinha percebido nada de anormal no meu jeito de falar, no máximo que o ‘r’ já não tinha a mesma ênfase. Um dia estava conversando com a minha namorada numa boa e ela explodiu: ‘Tipo, tipo, tipo, credo, que coisa mais chata’. Foi aí que passei a prestar atenção no quanto eu usava. A partir de então tive que passar a me policiar, mas algumas vezes ainda escapa um ou outro.”

Numa viagem para Goiânia, a bioquímica Márcia Sales deixou escapar que sempre ouvia o termo *punk* em Brasília, mas que não entendia o sentido. “Eu achava que *punk* era uma coisa boa, mas depois descobri que era ruim”. Sorte dela que o engenheiro brasiliense Rodrigo Santos estava indo visitar a namorada e pôde esclarecer a dúvida. “O *punk* pode ser bom ou ruim, depende da entonação e do contexto. Você pode dizer ‘a festa ontem foi *punk*’, no sentido de muito boa; ou ‘esse trabalho está *punk*’, ou seja, extremamente difícil”.

Chegando em Goiás é preciso se adaptar, apertar a tecla SAP¹⁶ do

15 É importante destacar que considerar as expressões seguintes como goianas ou brasilienses não quer dizer que elas sejam de uso exclusivo a estas regiões.

16 A tecla SAP (Second Audio Program) serve para alterar o som exibido para outro, como o áudio original ou uma língua alternativa.

cérebro para os vícios de linguagem e expressões típicas do goianês. Em Goiás, por exemplo, o assunto não começa simplesmente, é preciso introduzi-lo com o famoso *deixa eu te falar*, com a variação *ou, deixa eu te falar*. A mesma lógica serve para fazer uma interrogação: *deixa eu te perguntar*. E não adianta criticar, ou dizer que essa introdução é desnecessária. O goiano simplesmente tem todo um ritual de conversa a ser seguido para o qual não há abreviações.

Outro verbete que sempre aparece nas conversas goianas é o famoso *uai*. Apesar de ser originalmente mineira, a expressão já foi incorporada pelos goianos. Usado normalmente em respostas, o *uai* serve para dar ênfase. Se alguém chega perguntando: “E aí, fulano, como foi a festa ontem?”, a resposta é: “Uai, não foi muito boa, não” (ou foi boa, tanto faz, o importante é que o *uai* estará presente).

Também mineiro, o *trem* foi adotado com gosto pelos goianos. Pode ser usada para qualquer situação desde “pega esse trem em cima da mesa” até “te amo, trem”. Outra variação do *trem* que é usada em Goiás é *coisa*. No fim das contas conversa de goiano parece enigma e é indecifrável para quem ouve de relance: “Sabe aquele trem que vimos lá na coisa aquele dia? Minha namorada comprou um igualzinho”.

E não para por aí. *Encabulado*, *tem base*, *ou quá*, *quando é fé*, *pular o corguim*¹⁷, todas expressões amplamente usadas em Goiás. A palavra *encabulado* está no dicionário, significa envergonhar-se, pelo menos para todo mundo que fala português. Em goianês, porém, quer dizer impressionado. “Estou encabulado com o tamanho desse buraco”. *Tem base*? Utilizada geralmente na forma interrogativa e no fim da frase, tem o mesmo sentido de ‘pode uma coisa dessas?’.

Já o *quá* não é onomatopeia para o barulho de um pato, como pode parecer, é o mesmo que ‘ou o quê’. “Você vai trabalhar amanhã no meu lugar, ou quá?”. Se alguém diz: “Quando é fé, fulano morreu”, quer dizer que morreu de repente. E se você ouvir um goiano dizer “Aí você pulou o corguim”, pode ter certeza de que a sua atitude não foi bem aceita. ‘Pular o corguim’ é fazer alguma coisa absurda. Se for de ré, então, aí é porque você conseguiu deixar o goiano realmente impressionado com a insensatez.

Outra mania de goiano é abreviar palavras. Filho em Goiás é *fi*, também pode ser utilizado também como vocativo. “E aí, fi, como está?”. *Ah, não é aneim*, utilizado de maneira geral para expressar o

17 Outra herança da linguagem mineira é mania de abreviar finais *nho* dos diminutivos para *im*. Corregozinho=corguim; bonitinho=bonitim; quadradinho=quadradim.

desagrado com alguma informação fornecida pelo interlocutor. “Aneim, não acredito que você não vai mais”. Outra adaptação é o *bão* e *boa*, que são utilizados para substituir o advérbio bem: “Tá bão/boa?”. (Em outras regiões o termo ‘boa’ pode ser considerado de mau gosto quando se refere a uma mulher, pois a coloca como objeto sexual).

Para terminar, o famoso *não dô conta*. A expressão é utilizada principalmente no sentido de não conseguir, mas também pode servir para qualquer coisa como, “*num dô conta de escrever bem*” (não sei escrever bem) ou “*não dô conta de continuar esse trabalho*” (não quero ou não aguento continuar esse trabalho). Foi o engenheiro mecânico Alberto Oliveira quem chegou à conclusão mais verdadeira sobre o goianês. “Goiano simplesmente não dá conta dizer ‘eu não consigo’.”

Quem não é de Goiás muitas vezes apanha do goianês e não dá conta de entender boa parte do que é dito, dá algumas ratas, mas quando é fé fica encabulado ao perceber que já está até falando daquele jeito. Tem base?

DISCUSSÕES SEM FIM

O TRAJETO DE CASA a casa entre Brasília e Goiânia dura em média três horas, mas pode demorar mais ou menos tempo, de acordo com endereço e trânsito. As pessoas utilizam esse tempo de variadas formas, alguns dormem durante todo o percurso, outros aproveitam para estudar ou ler um livro, tem quem simplesmente observe a estrada em silêncio, aqueles que ouvem rádio ou a música que estiver tocando, os que colocam um fone no ouvido e se desligam do que acontece ao redor, e também tagarelas que conversam o tempo todo. Esses últimos falam sobre qualquer assunto, desde política mundial até episódios marcantes da série humorística de televisão *Chaves*, por exemplo. Há casos de conversas banais acabaram se transformando em grandes discussões existenciais.

Domingo à noite. Rafael Leão saiu da casa da namorada em Goiânia às 19h, como sempre, e partiu em direção ao setor Nova Suíça para pegar os caroneiros que iriam com ele para Brasília. Uma menina esperava com os pais na praça. Como de costume, após desejos para fazer boa viagem, seguiram em frente. Logo depois, o segundo carona esperava num posto de gasolina e mais adiante outros dois.

O percurso entre as duas cidades era percorrido praticamente toda semana, saía de Brasília às 18h, na sexta-feira, e retornava no domingo. Rafael morava em Brasília, por ter melhores oportunidades de emprego. Depois de concluir o curso de economia na Universidade de Brasília, foi contratado por importante empresa na cidade. No entanto, a namorada continuava em Goiânia, motivo para voltar com tamanha frequência.

O carro estava cheio, em junho de 2010 ainda era usual transportar quatro pessoas de carona a R\$ 20, e mesmo com o som ligado numa rádio – das poucas que não toca sertanejo – a conversa estava

animada. O assunto era o mesmo que o mundo inteiro discutia naquele momento, Copa do Mundo. Fãs de futebol, os rapazes discutiam lances que nem mesmo haviam assistido e seleções que marcaram a história das copas.

O futebol rendeu mais de uma hora de conversa, mas depois o assunto acabou e a calma tomou conta do ambiente. Enquanto a menina que estava no banco da frente observava o escuro da estrada cortado por um ou outro farol que vinha da pista ao lado em alta velocidade, no banco de trás um dos rapazes dormia, outro também observava a estrada e um terceiro se interessou pelo carro de Rafael, talvez para quebrar o silêncio.

Mais uma conversa masculina. Dessa vez sobre vantagens e desvantagens de comprar um carro novo ou usado, sobre qual a marca mais econômica, a mais confiável, a mais resistente. Rafael se mostrava completamente satisfeito com o carro, um Focus Hatch 2007. Havia comprado o veículo usado com ajuda de um vendedor amigo da família. Dois anos de uso, única dona, pouquíssimos quilômetros rodados, bancos de couro, e o melhor de tudo: uma pechincha.

A única coisa que já não agradava a Rafael era o câmbio manual. Segundo ele, com a idade (25, na época) havia perdido a paciência com o trânsito. Odiava parar em engarrafamento – comum em Goiânia e cada vez mais em Brasília – e ter de colocar na primeira marcha, pisar na embrenhagem, engatar a segunda, embrenhagem, primeira novamente... O cansaço e a falta de paciência fizeram com que ele tomasse uma decisão, seu próximo carro precisaria ter câmbio automático.

Para um dos caronas a simples menção de câmbio automático era uma ofensa. Marcus Vinycius Martins, 22, mudou-se para Brasília para cursar engenharia elétrica na UnB. Conhecido como Pequi – apelido dado pelos colegas de faculdade por acharem semelhanças entre o fruto goiano que tem espinhos e as ideias do amigo – sempre foi uma pessoa de opiniões fortes. No ensino médio, a mania de ter sempre o que dizer e de querer causar polêmica em qualquer conversa lhe rendeu o troféu de aluno mais chato da escola durante um torneio interclasses.

A conversa que até então era consensual tornou-se um debate entre os dois, enquanto os demais passageiros se divertiam com os argumentos de ambas as partes. Cansado de tentar convencer Rafael de que câmbio automático não prestava, que era coisa de velho, ou que tirava toda a graça de dirigir, Marcus apelou para um argumento que para ele era definitivo. “Tem três coisas que homem que é homem tem que gostar: futebol, cerveja e câmbio manual.”

Escolha infeliz. “E mulher, véi? Você me diz que tem três coisas que homem tem que gostar, e mulher não é uma delas?” Os demais passageiros que até então só assistiam, caíram na gargalhada. Nem os argumentos veementes de Marcus Vinicius de que mulher estava “subentendido” acalmaram o carro depois dessa. Não adiantava mais, Pequi virou a piada daquela viagem e rendeu assunto para o resto do caminho.

Até hoje, quando o assunto é câmbio, as pessoas que estavam no carro naquela noite colocam um sorriso discreto nos lábios e fazem cara de quem sabe uma coisa que os outros não sabem: mais importante que um homem gostar de mulher é gostar de câmbio manual.

André Moreira Martins já estava no penúltimo semestre do curso de farmácia. Fã de música sertaneja, de cerveja e de mulheres bonitas, considerava Goiânia o paraíso e só ficava em Brasília durante os fins de semana se fosse extremamente necessário. Naquele segundo semestre de 2008 ele estava com sorte, tinha dois caronas fixos tanto para ir para Goiânia quanto para voltar para Brasília, e o melhor é moravam bem perto de sua casa. As outras duas vagas, apesar de não serem fixas, eram quase sempre preenchidas pelas mesmas pessoas.

Extremamente pontual, André estacionou na porta da primeira passageira às 20h de um domingo, exatamente um minuto depois de sair de casa. Entre eles havia um acordo que estava funcionando muito bem: “André, no fim de semana que você não for para Goiânia me avisa, se eu não for também te aviso. Em todos os outros pode contar comigo”.

Os outros dois moravam em bairros vizinhos, um menino com pinta de caubói que pegava a estrada todo fim de semana e uma menina que sempre tinha assunto para todo o caminho. Só o último passageiro morava mais longe, e apesar do jeito tímido e calado durante a viagem, ele já se sentia parte daquela turma.

Viajar com André era sinônimo de ouvir sertanejo, criticar Brasília e enaltecer Goiânia. Naquela noite, todo mundo no carro estava discutindo a polícia de Goiás, a tendência que os bandidos tinham em desaparecer quando eram transferidos para o estado e sobre a Rotam (Batalhão de Rondas Táticas Metropolitanas). No banco de trás, Mariane Rodrigues, então estudante de jornalismo, contava histórias sobre uma amiga que foi uma das policiais a formar a primeira turma feminina do batalhão.

Mariane se divertia contando como foi o processo de formatura da amiga quando ela e o menino sentado no lado oposto do banco começaram a se estranhar. Ela contava, com muita empolgação como

era de costume, que na prova final para admissão na tropa especial o candidato ficava de costas para um alvo, na frente do qual seria posicionado um colega de treinamento, e quando fosse dado o sinal ele deveria girar e atirar no alvo, sem atingir o colega, é claro.

Luan Calaça riu. Aliás, riu muito. Segundo ele, era absurdo, por mais que a Rotam fosse durona, a polícia nunca poderia fazer uma prova que arriscasse tanto a vida de alguém. Enquanto Mariane insistia que a amiga havia contado a história e que esta não mentia, o caubói fazia questão de dizer que ela era inocente, que acreditava em tudo o que diziam e de rir da cara dela.

O clima no carro ficou um pouco tenso, todos tinham uma opinião sobre o assunto. Para amenizar a situação, André mudou de assunto. Pouco depois gostaria de não tê-lo feito. Por acreditar que sertanejo talvez fosse um assunto divertido o suficiente para acalmar os ânimos, o motorista comentou sobre a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos¹⁸. Ele já estava com tudo arrumado para viajar com os amigos e aproveitar os grandes shows que aconteceriam.

Goiás tem fama de sertanejo em todo país. Seja a música, seja o povo. Há goianos que não apenas gostam como incentivam tal caracterização. Não é incomum ouvir um goiano se caracterizando como “goiano do pé rachado” ou “bruto, rústico e sistemático”. Luan, que sempre se orgulhou da origem na roça, animou-se. O filho do “rei da cana¹⁹” cresceu no meio rural, acompanhando o pai na rotina diária na chácara em Abadia de Goiás, a 15 km de Goiânia, fazia questão de mostrar que era caipira. Bota, fivela e camisa xadrez eram peças que não poderiam faltar no guarda-roupa. Para ele, Barretos também era um sonho.

Enquanto isso, Mariane foi criada numa família de músicos que sempre esteve muito mais ligada ao samba que ao sertanejo apesar disso não criticava o ritmo. Porém, para ela era inadmissível aceitar os rodeios, pois se sensibilizava com o sofrimento dos touros que, segundo ela, eram maltratados para que as pessoas pudessem se divertir.

Peão versus jornalista, cada um com argumentos, cada um com mais certeza de que seu ponto de vista é que era o certo. Cada um de um lado do banco, eles gritavam um com o outro, enquanto as duas

¹⁸ Evento realizado anualmente durante o mês de agosto na cidade de Barretos (SP), desde 1955. A festa é conhecida internacionalmente pela gigantesca estrutura e alta qualidade dos peões, cavalos e touros que ali se apresentam.

pessoas que estavam na parte da frente do carro morriam de rir, o pobre caroneiro que estava entre os dois se perguntava o que fazia ali.

“Rodeio é um esporte ridículo, maltratam os animais para que eles possam pular durante oito segundos”, repetia Mariane com firmeza. “Não maltratam, o bicho é muito bem tratado, come do bom e do melhor, depois de pular durante oito segundos ele descansa por quinze dias”, o peão contra-atacava. “Queria ver se fosse você, vou apertar o seu saco por oito segundos para ver o que você acha”, insistia ela. “Mas não machuca, só incomoda.” “Eu vou apertar o seu saco e você me diz.” “Ora, na próxima vida eu queria nascer como boi de rodeio. Ser tratado a pão-de-ló durante todo o tempo, ir para a arena por alguns segundos e ainda por cima todo mundo torcendo por mim”, implicava Luan.

A raiva que ele causou em Mariane foi tanta que André jura que percebeu algumas lágrimas lhe rolarem pelas bochechas quando os argumentos que para ela eram tão verdadeiros não mudaram em nada a opinião do peão. Sorte que havia alguém entre os dois ou Mariane realmente teria “apertado o saco dele” só para “ver como é”. Depois desse dia virou tradição, sempre que os dois se reencontravam no trajeto entre Brasília e Goiânia, precisavam reafirmar seus pontos de vista sobre rodeio.

MEDO NA ESTRADA

AS PRIMEIRAS CARONAS pela comunidade são complicadas. Todos os dias chamadas de jornais anunciam golpes e crimes pela internet, logo a maioria das pessoas fica não apenas com um, mas com os dois pés atrás sobre pegar carona com pessoas desconhecidas e ainda por cima por intermédio de uma rede social. É comum ouvir um caroneiro comentar que sempre é repreendido quando conta para alguém sobre a comunidade. Entre os principais medos estão assalto, sequestro, homicídio e estupro.

Pais, mães e namorados tentam tornar o processo mais seguro. Anotam placa do carro, nome e telefone do motorista, ligam várias vezes durante a viagem e ficam esperando o telefonema que vai informar que o passageiro chegou com segurança ao destino, cerca de três horas depois. Com o tempo, as preocupações diminuem – seja porque “está tudo nas mãos de Deus”, por o motorista ser conhecido, ou porque começam a acreditar que a comunidade é realmente segura. O que não impede aqueles que oferecem carona de ouvir várias vezes a mesma recomendação: “Vai devagar, não precisa ter pressa”.

Caroneiros, no entanto, costumam se sentir seguros depois de poucas viagens. É o caso da estudante do sexto semestre de psicologia da UnB Lara Percílio Santos, 21. Desde que veio para Brasília em 2008, Lara pega carona para ir para Goiânia ao menos uma vez por mês. Na maioria das vezes os horários são organizados para viajar em companhia do namorado, Guilherme Resende Oliveira, 26. No entanto, nem sempre o arranjo dá certo e Lara vai ou volta sozinha. Nesses casos, procura viajar com conhecidos para sentir-se mais protegida.

Houve apenas um episódio em que sua segurança foi abalada, há cerca de um ano. Lara foi sozinha para Goiânia naquele fim de semana

e como não teria aula na segunda-feira, resolveu aproveitar o conforto da casa da mãe por mais um dia. Curtiu tanto, que esqueceu-se de procurar carona para voltar. Quando deu-se conta, entrou na internet e começou a busca. Não encontrou nenhum conhecido voltando na segunda. Fez uma lista e começou a ligar para todos os anunciantes. Marcou com o único rapaz que tinha vaga, saindo às 14h.

Nesse primeiro passo as coisas começaram a ficar estranhas. O motorista, cujo nome ela não se lembra, disse que estaria em Anápolis, mas voltaria a Goiânia para buscar as caronas. Como não sabia andar muito bem na cidade, marcou de encontrá-la na frente do Goiânia Shopping. A primeira coisa que passou pela cabeça de Lara foi: porque uma pessoa que já estava em Anápolis, voltaria 60 km até Goiânia para então seguir viagem para Brasília? Era em média, 120 km a mais de viagem, não fazia sentido. Mas mais uma vez, viu-se sem opção já que não encontrara outra carona e não queria ir de ônibus.

Esperou na porta do shopping mais de 20 minutos antes de ligar e descobrir que o rapaz se atrasaria. Sentou-se com a mãe para esperar, cercadas de malas. Meia hora mais tarde, ele chegou. Carro rebaixado, rádio ligado a toda altura, dois rapazes na frente. Ficou com medo, mas não quis demonstrar para não deixar a mãe ainda mais preocupada do que parecia estar — havia anotado a placa do carro mal o rapaz estacionou.

Lara embarcou no banco de trás junto com as malas que não cabiam no porta-malas, cheio de caixas de som, e pediu a todas as forças do universo para chegar viva em casa. Aproveitou para mandar uma mensagem de texto ao namorado “estou indo com dois caras muito estranhos”. Ficou ainda mais inquieta quando descobriu que outra menina que iria com eles tinha desmarcado, logo seriam apenas os três. A cada minuto a certeza de que iria morrer era maior. Mandou outro torpedo para o namorado com a descrição dos dois.

Enquanto ela se desesperava por dentro, apesar de manter a pose calma, eles seguiam numa boa. Eram brasilienses, tinham ido para alguma festa em Goiânia naquele fim de semana. Na segunda, amigos de Anápolis os convidaram para almoçar e eles foram. Conversaram sobre futebol, e então Lara descobriu que o motorista era gremista. Guardava cada detalhe que pudesse ser importante na cabeça e continuava conversando com o namorado por mensagem para dar o maior número possível de informações a ele.

Lara gosta de Brasília e do povo brasiliense. Fez amigos na cidade, é apaixonada pela UnB e adora sair. Talvez tenha mais afinidade com a capital federal do que com a cidade onde cresceu. Mas

ainda assim, naquela situação não conseguia deixar de se sentir ameaçada. Quando, por exemplo, um dos meninos tirou a camiseta, o medo chegou ao extremo. Talvez por ter percebido seu embaraço, o rapaz perguntou se tudo bem para ela. “É que está muito calor”, ele justificou. Dizer o quê? Ela estava paralisada de medo. Não iria provocar qualquer tipo de antipatia pedindo para que ele se vestisse.

Mas quanto mais Lara se sentia acuada, mais eles pareciam gostar dela. Puxaram vários assuntos, elogiaram a beleza, perguntaram se ela tinha namorado — não de forma casual, mas demonstrando que estavam interessados. Lara é bonita. Cabelos ruivos, curtos e encaçolados, corpo bem definido de quem malha diariamente e vai de bicicleta para todo lugar. Prefere não seguir modinhas, tem estilo próprio, que muita gente chama de “alternativo”. Está sempre de tênis e shorts, o que não a deixa menos feminina. Ficaram desapontados quando descobriram que ela estava comprometida e ela, feliz por não terem forçado a barra.

Já chegando em Abadiânia, o carro começou a soltar fumaça. Como se precisasse de mais algum detalhe para apavorar Lara. Por sorte, conseguiram alcançar a cidade, onde pararam num posto de gasolina. O carro estava superaquecido, seria preciso esperar que ele esfriasse antes de resolver o problema. Foram para a lanchonete de posto, onde continuaram a conversar. De alguma forma, foi aí que o medo de Lara passou.

“Não sei o que estava acontecendo comigo aquele dia. Acho que foi toda a situação de não achar ninguém conhecido, deles estarem em Anápolis e voltarem só para me buscar. Fui montando uma história na minha cabeça que me levou a ficar aterrorizada. Mas quando tudo deu errado e eles continuavam numa boa, batendo papo e rindo, sei lá, percebi que era só *nóia* da minha cabeça. Relaxei e acabei me divertindo muito com eles. Cheguei a adicionar o motorista no meu Orkut depois, mas nunca mais conversei ou peguei carona com ele.”

O problema do carro foi resolvido e eles puderam finalmente seguir viagem. Mais tranquila, Lara aproveitou o restante da longa viagem. Quando chegaram a Brasília, às 20h, ela sentiu-se aliviada por ter acabado bem, mas também um pouco culpada por ter criado tanta coisa na cabeça, logo ela que está estudando para evitar estereotipar as pessoas. Apesar disso, foi uma boa experiência, e agora Lara diz já não ter qualquer receio em pegar carona na comunidade.

CUIDADO, POLÍCIA NA PISTA

A MAIORIA DOS MEMBROS da comunidade nunca foi parada pela polícia no trajeto entre Brasília e Goiânia. Luan Calaça, no entanto, foi parado não uma, mas duas vezes pela polícia desde que se mudou para Brasília, em 2007. Parado e revistado. Em atitude que ele considera como sendo de um “legítimo goiano”, Luan volta para Goiânia sempre que tem a oportunidade, ou seja, todos os fins de semana. Em quatro anos ele permaneceu em Brasília apenas em quatro ocasiões, sendo duas delas para ir a shows dos cantores sertanejos Zezé de Camargo e Luciano.

Em 2008, durante o terceiro período de engenharia mecatrônica, ele organizou a grade horária de modo a não ter aula na sexta-feira. Naquele semestre era “sagrado” rumar para Goiânia ainda na quinta-feira. De forma conveniente, havia um caroneiro que morava perto da casa que sempre saía de Brasília na quinta às 16h. Um terceiro rapaz também seguia a mesma rotina. A última vaga no carro era a única que variava, portanto, conheciam-se bem. Sabiam os nomes, cursos e algumas histórias da vida uns dos outros.

Houve uma quinta-feira excepcional em que pegaram a estrada um pouco mais tarde. Era aproximadamente 19h quando alcançaram a divisa do Distrito Federal e um carro colou na traseira do carro dando sinal de luz. Acharam que o carro pedia passagem, por isso o motorista mudou para a faixa da direita. Receberam outro sinal de luz. “Pensamos: o que esse cara quer, afinal?”, lembra Luan. Só entenderam o significado quando a sirene foi ligada e eles pararam no acostamento.

Pelo megafone, a voz amplificada do policial disse: “Senhor condutor, desça do veículo. Demais passageiros permaneçam onde estão”. Com calma, o motorista desceu do carro e caminhou em

direção à viatura. Não demorou para que o policial novamente ligasse o megafone pedindo que todos desembarcassem em fila. Obedeceram, claro, e depararam-se com um carro de passeio e uma camionete da Polícia Rodoviária Federal. No total, oito policiais os encaravam, dois deles com metralhadoras.

Foram separados e questionados individualmente. Os policiais quiseram saber o destino deles, porque estavam em Brasília, como se conheciam e quais os endereços dos outros. Como viajavam juntos há algum tempo, foi fácil responder. Estavam a caminho de Goiânia, todos eram amigos da UnB. Um policial então avisou que revistariam o carro e que eles poderiam acompanhar a revista. “Eu estava tranquilo, pois não trazia nada ilícito, mas ao mesmo tempo apreensivo, porque não sabia se algum dos passageiros carregava consigo alguma coisa que pudesse nos comprometer”, conta Luan.

As malas foram abertas, uma a uma. Depois que o porta-malas foi todo revistado, os rapazes tiveram permissão para seguir viagem. Ainda foram acompanhados pela viatura por cerca de 15 quilômetros até o retorno, onde a polícia pegou a pista contrária. Para Luan, a polícia estava cumprindo obrigação ao avistar um carro lotado em plena quinta-feira, provavelmente acreditaram tratar-se de uma lotação. “Fizeram um trabalho excelente, em nenhum momento fomos desrespeitados.”

Algum tempo depois, Luan seguia em direção a Goiânia. Era um domingo e ele estava em companhia do irmão e de um amigo. Naquele dia faziam um bate-volta, termo utilizado para designar viagens rápidas em que a pessoa vai e volta de seu destino no mesmo dia. No último posto policial antes da divisa entre Distrito Federal e Goiás, foram parados em uma operação de rotina.

Além de entregar os documentos de identificação, passaram por um pequeno interrogatório. Dessa vez, porém, não foram separados. Para evitar muitas perguntas, acabaram dizendo que o amigo que os acompanhava na viagem era primo deles. “Eles aceitam melhor quando as pessoas no carro são da mesma família.” Como era uma viagem de um dia só, nenhum deles trazia malas, o que tornou o processo mais rápido. Quando o policial viu o porta-malas vazio, devolveu-lhes os documentos e mandou que seguissem viagem.

Márcia Sales, 36, é bioquímica. Veio para Brasília depois de passar em concurso para o Hospital de Base. Como trabalha por escala, ela sempre teve tempo para ficar em Goiânia ou viajar para o Mato Grosso, onde os filhos, Stéphanie e Paulo, moram com o ex-marido. No entanto, quando foi contratada para trabalhar meio

período em um laboratório, a periodicidade das viagens diminuiu. Ainda assim, Márcia tenta ir para Goiânia pelo menos a cada 15 dias.

Em geral, a ida para Goiânia não tem um dia ou horário certos. Há vezes em que vai na quinta-feira à noite, sexta após o almoço ou depois das 19h ou até mesmo no sábado de manhã. Já a volta costuma ser sempre no mesmo horário, domingo às 18h. Em julho deste ano, porém, houve um domingo em que Márcia fugiu a essa rotina e saiu de Goiânia por volta das 14h. Além dela, estavam no carro a filha Stéphanie (que aproveitou as férias para ficar com a mãe) e duas caroneiras já conhecidas dela, Chafia Abrão, 20, estudante do sexto semestre de economia, e Verônica Carrijo, 24, enfermeira da Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

Exceto por Stéphanie, quase sempre viajavam juntas, o que era vantagem para todas. Naquele dia a estrada estava estranha, muitos carros transitavam apesar de ser domingo e em alguns trechos o trânsito praticamente parava. Stéphanie ia ao lado da mãe no banco da frente e mantinha uma conversa animada com Chafia. Enquanto isso, Verônica aproveitava a viagem para dormir e recuperar um pouco do sono perdido no fim de semana.

Assim que passaram pelo vilarejo de Engenho das Lages, depois de Alexânia, perceberam que vários carros diminuíram a velocidade a ponto de quase parar. De repente, apareceu um homem armado bem ao lado do carro delas. Verônica acordou assustada quando Márcia gritou para que todas se abaixassem. O terror tomou conta do carro. Márcia soltou o cinto de segurança, estava pronta para entregar o carro, só queria mesmo era que todas saíssem vivas dali.

Chafia, no entanto, mesmo com medo, levantou um pouco a cabeça, apenas o suficiente para acompanhar a movimentação do lado de fora. “Se estava todo mundo abaixado, como é que saberíamos o que estava acontecendo”, ela explica, como quem diz que dois e dois são quatro. Quando o homem foi em direção ao carro da direita, Chafia gritou: “Vamos, eles não querem o nosso carro, agora estão apontando para o carro do lado”.

Márcia mal conseguiu engatar a primeira marcha. Acelerou para sair de lá o mais rápido possível. Quando olharam para trás avistaram um carro da polícia parado na beira da pista e um homem agachado apontando a arma para alguém. Elas nunca descobriram o que aconteceu. Achem que o homem que viram com a arma ao lado delas era um policial, mas o nervosismo não tornou possível discernir a situação. Chegaram a procurar notícias no jornal e internet no dia seguinte, mas não encontraram qualquer relato.

ROMANCE: EMBARQUE E DESEMBARQUE

A BRASILIENSE MELISSA SALES, 25, formou-se em direito em 2010 pelo Centro Universitário do Distrito Federal (UDF). No ano anterior, Mel (como prefere ser chamada) viajou para Goiânia para fazer aula de dança em um projeto de arte para evangelismo. Durante o evento, no Setor Universitário, ela e alguns amigos ficaram bastante próximos da professora, Lunna, que os convidou para almoçar na casa dela.

Na empolgação de organizar o almoço e conseguir transporte para tanta gente, a professora se distraiu e trancou o carro com as chaves dentro. Sem perder o bom humor, Lunna ligou para o irmão, Iure Guimarães, 26, que estava em casa, no Setor Oeste, e pediu que ele viesse até o local onde ela dava aula para socorrer toda turma. De alguma forma, Iure conseguiu abrir a porta usando apenas fio dental. O salvador da pátria chamou a atenção de Mel, apesar de ele ser muito sério e ela extremamente brincalhona.

Mel e Iure se adicionaram no Orkut, que na época ainda era a rede social mais popular no Brasil. Entre conversas e implicâncias, em menos de um mês começaram a namorar. Por morar em lugares diferentes, o relacionamento dos dois sempre foi marcado por idas e vindas entre as duas cidades. Para funcionar bem, eles se revezavam. Uma semana ela ia para Goiânia e no fim de semana seguinte era a vez de ele vir para Brasília.

Ela sempre pegava carona. Acostumou-se a ligar para todos os anunciantes atrás de uma vaga para ir ou voltar. Mel se lembra que na primeira viagem de carona levou um grande susto quando o carro em que ela estava rodou na pista, por sorte não bateu em nada e puderam seguir viagem. Iure acostumou-se a fazer o percurso como motorista. Apesar de viajar no sentido de menor fluxo durante o fim de

semana, de Goiânia para Brasília, ele nunca teve muitos problemas para encontrar três passageiros.

Para Iure, a estrada sempre marcou o namoro dos dois, por isso foi a decisão lógica quando decidiu fazer o pedido de casamento. “Pensei que seria legal fazer uma surpresa para ela que tivesse relação com nossas viagens”. Com esse pensamento na cabeça, Iure começou a enxergar o caminho de forma diferente. “Queria fazer o pedido à beira da estrada. Passei a prestar atenção em lugares que poderiam ser legais, mais desertos e com boa vista. Quando escolhi, aproveitava a volta para Goiânia na segunda-feira, normalmente de madrugada, para cronometrar quanto tempo era preciso para chegar a tempo de ver o nascer ou pôr-do-sol.”

Com tudo preparado, Iure só precisou esperar a melhor oportunidade para colocar o plano em prática. Num domingo, em novembro de 2010, quando Melissa não encontrou carona para voltar para casa, ele mentiu que tinha conseguido alguém. Ela arrumou as malas e colocou no carro do namorado para que ele a levasse até a carona. Melissa não estranhou, era comum que muitos caroneiros considerarem a casa de Iure um lugar difícil de encontrar, por isso muitos deles marcavam o encontro em algum ponto de referência.

Só percebeu que havia alguma coisa diferente ao chegaram a BR. Iure simplesmente disse que a levaria e ela, sem suspeitar de nada, ficou feliz por ele estar sendo tão romântico. Apesar de todo o tempo que passou cronometrando o tempo de viagem, Iure alcançou o lugar escolhido antes do pôr-do-sol. Uma área descampada, sobre um morro onde antes da duplicação ficavam as chamadas sete curvas. Aproveitaram o tempo para fazer um piquenique.

Finalmente, enquanto o sol começava a sumir na linha do horizonte ele fez o pedido. “Ainda brinquei com ela que se ela não aceitasse o desfiladeiro era uma opção”, lembra Iure. Eles se casaram em agosto de 2011. Atualmente, moram em Goiânia, pelo menos enquanto ele termina o curso de engenharia da computação, mas não descartaram a hipótese de mudar para Brasília. Independente da escolha, as viagens para visitar a família de um ou de outro devem continuar, mas com menor frequência.

No entanto, nem todas as histórias de amor marcadas pela estrada entre Goiânia e Brasília tiveram final feliz. Cássio*, 26, mudou-se de Goiânia para Brasília há quatro anos, após formar-se em economia,

* Nomes fictícios

para trabalhar. Bem-humorado e simpático, não demorou a encontrar namorada. Joana*, 22, também era goiana. Estava em Brasília para estudar nutrição na Universidade de Brasília. O fato de os dois viajarem com frequência foi um ponto positivo para o namoro, mas também foi o maior problema que tiveram.

Quando descobriu a comunidade, Cássio achou que era ótima ideia. Naquela época, meados de 2007, o preço da carona era R\$ 20. Apesar de não ser um valor fixo ou imposto pela comunidade, já que cabe aos motoristas e passageiros negociar os termos da viagem, era o valor que praticamente todos cobravam/pagavam. Como bom economista que era, calculou que seria vantajoso para ele usar o carro para oferecer carona. Não daria para ganhar dinheiro, e nem era a intenção, mas ao menos diminuía as despesas da viagem e tornava possível ir para Goiânia mais vezes.

Apesar de ser a favor da ideia de oferecer carona, Joana não concordava que ele cobrasse os R\$ 20. Para ela, Cássio estava se aproveitando dos passageiros e fazia questão de deixar isso claro em grandes discursos proclamados durante as viagens, na frente dos caroneiros. “Você explora essas pessoas, não gasta R\$ 80 de gasolina para ir de Goiânia a Brasília. O que sobra dá para você rodar muito na cidade depois”, ela fazia questão de reafirmar em quase todas as idas e vindas.

Cássio tentava, e na maioria das vezes conseguia, manter a calma e explicar para ela que a gasolina não era o único gasto que ele tinha. Precisava trocar o óleo mais rápido por causa do trânsito constante, o peso dos passageiros e das malas desgastava mais os pneus, além do tempo e desgaste físico para buscar e deixar cada caroneiro em casa. Os próprios caronas, inclusive, costumavam concordar com ele. Outro ponto que sempre ficava na sua cabeça, apesar de nunca tê-lo dito, era o fato de Joana nunca pagava a sua parte, logo era a última pessoa que deveria reclamar de preço.

Foram várias viagens marcadas pelo tema. Os passageiros quase sempre ficavam sem graça com o rumo da conversa. Certa ocasião, Cássio estava sem internet em casa e pediu a namorada que colocasse o anúncio da carona na comunidade para sair às 16h do dia seguinte, como já havia feito várias vezes. Tudo parecia normal. Recebeu telefonemas de vários interessados, combinou a saída com os três primeiros. Na sexta-feira saiu de casa, buscou a Joana e os demais passageiros e pegou a BR.

Naquele dia a viagem estava tranquila, a conversa fluía e Joana ainda não tinha tocado no assunto de preço. Pararam num posto de

gasolina em Abadiânia. Abastecer era a deixa para receber o valor da carona, então um dos passageiros comentou: “Você postou R\$ 15, não é, Cássio?!”. Não era uma pergunta, estava apenas comentando. Cássio olhou rapidamente para a namorada, que tinha um sorriso zombeteiro no rosto, segurou o volante com força, fechou os olhos e começou a contar até um milhão para se acalmar.

“Costumo cobrar R\$ 20, mas como no anúncio estava R\$15, é só o que vou cobrar.” Rapidamente os passageiros perceberam o clima tenso no carro e se dispuseram a pagar o valor normal pela carona. Cássio não aceitou, mas também não conseguiu se controlar. Ali, na frente de todos aqueles semi-conhecidos, gritou com a namorada, ou melhor, ex. Quando ele se calou o silêncio tomou conta do ambiente e fez com que aquela viagem fosse muito mais longa do que o relógio indicava.

ACIDENTES NO ASFALTO

PARA FREDERICO SOUSA, 30, as viagens entre Brasília e Goiânia sempre foram rotina. Quando veio para Brasília cursar engenharia de redes sentiu falta de casa e dos amigos. Acabou aproximando-se do que lhe era familiar, outros goianos na mesma situação. Juntos, fizeram o percurso entre as duas capitais muitas vezes antes da criação da comunidade no Orkut. Dez anos percorrendo a estrada deram a Fred não apenas histórias para contar como grandes amizades.

Durante o início do período chuvoso de 2002, quando o trecho Brasília/Goiânia ainda estava sendo duplicado, Fred pegou carona com o amigo e colega de curso Vinícius Limongi. Apesar da chuva, o asfalto não estava encharcado, apenas úmido. Fred vinha no banco de trás numa conversa animada com Bruno Javarez, também estudante de engenharia de redes, enquanto na frente Vinícius e a nutricionista Nívea Nunes falavam sobre outro assunto.

Logo após as sete curvas havia um desvio no asfalto por causa da obra de duplicação naquele trecho. Não era possível perceber um pequeno degrau de transição entre a estrada e o desvio. Quando o carro passou pelo obstáculo rodou, entrou no canteiro entre as duas pistas, capotou e deslizou pelo asfalto de cabeça para baixo, na contramão, até alcançar o acostamento.

“Na hora em que o acidente está acontecendo, você não tem tempo para se assustar ou ter medo”, lembra Fred. Ele só pensava em sair vivo da situação. Frederico se soltou e tentou abrir a porta do carro, sem sucesso. No banco da frente, Nívea estava tão nervosa que não conseguiu tirar o cinto de segurança. Fred a ajudou a se soltar. Ela caiu e rapidamente se arrastou para o lado de fora.

Fred teve que sair pelo vido quebrado, quando olhou para o lado ao pisar fora do veículo Bruno já estava do lado de fora correndo

para longe do carro com medo que pudesse explodir. Reuniram-se todos para analisar os danos materiais e possíveis ferimentos, quando Vinícius apareceu ao lado deles chorando e com um sangramento na cabeça. “Eu não quero morrer, eu não quero morrer”, ele repetia insistentemente. Quando lhe disseram que era um ferimento leve causado pelo vidro, ele enxugou as lágrimas, retomou a compostura e disse: “Pô, gente, que vergonha! Não era nada e eu fazendo todo esse escândalo, pareceu até piada do Chaves”.

Mais calmos depois de algumas risadas, telefonaram para a seguradora que enviou uma ambulância para levar Vinícius a um pronto-socorro, guincho e táxi para os demais terminarem a viagem rumo a Goiânia. Apesar do susto, ninguém se machucou com seriedade. Enquanto esperavam pelo socorro da seguradora conseguiram, inclusive, fazer algumas piadas com a situação. “O Bruno ficou com tanto medo que conseguiu se teletransportar para fora do carro”, brincou um. “A Nívea caiu como um saco de cimento quando o cinto abriu”, riu o outro. “O Fred tentou abrir uma porta do carro que não existia”, curtiram, ao lembrar que o carro só tinha duas portas.

Mas o caso mais grave vivido pelos viajantes da comunidade nunca foi motivo de piada. O designer Luiz Soyer, 24, viajava de carona com o engenheiro civil Ricardo* pela primeira vez. No carro também estava o veterinário Rafael Camargo, 26, mestrando da UnB, e outra menina que ele não conhecia. Era uma viagem como qualquer outra. Saíram de Brasília às 17h daquela sexta-feira, por isso pegaram o trânsito um pouco lento próximo ao Núcleo Bandeirante, mas nada que tenha atrasado muito o percurso.

Era aproximadamente 20h e faltava pouco mais de 20km para chegar a Goiânia quando a viagem de rotina tornou-se uma das lembranças mais sombrias de Luiz. Dois carros que estavam pouco a frente do carro de Ricardo saíram bruscamente para o acostamento. Antes que o motorista pudesse esboçar qualquer reação chocou-se contra uma mulher que apareceu no meio da pista.

“O carro estava a 120km/h e ela apareceu do nada. Não houve tempo para desviar”, conta Luiz Felipe. “No exato instante em que a mulher voava sobre o capô, houve um minuto de silêncio estardecedor... Não sabíamos exatamente o que havia acontecido, ninguém tinha ideia do que fazer ou falar.” A mulher de aproximadamente 43 anos estava bêbada e atravessava a rodovia fora do perímetro urbano.

* Nome fictício

Com a força do impacto o vidro se quebrou e machucou a mão do condutor. A mulher foi arremessada no meio do asfalto e faleceu na hora. O motorista conseguiu manter calma suficiente para encostar o carro. Assim que pisaram no chão os passageiros foram tomados por uma onda de pânico e alívio ao mesmo tempo. “Meu Deus, precisamos fazer alguma coisa, olha os carros passando por cima do corpo”, percebeu a menina com voz trêmula.

Alguém tomou a iniciativa de ligar para a Polícia Rodoviária e vários outros carros pararam e pessoas começaram a se aglomerar ao redor do corpo. A viatura policial demorou cerca de 15 minutos para aparecer. Os passageiros do carro estavam estarecidos. Todos ligaram para a família e amigos para buscá-los. O acidente marcou profundamente a lembrança das viagens de todos eles. Luiz considera que, apesar da tragédia, poderia ter sido muito pior. Rafael, o outro caroneiro, chega a falar no “heroísmo” de Ricardo por estarem todos vivos.

Quem viaja de carona está ciente dos riscos que corre. Por exemplo, não há seguro em caso de perdas materiais, por isso o motorista não é responsável por reembolsar qualquer caroneiro. Quanto a possíveis danos causados aos passageiros, o transportador só será civilmente responsável quando este incorrer em dolo ou culpa grave.

PÍULAS ANÔNIMAS ¹⁹

ANTES DA INVENÇÃO DA ESCRITA as histórias eram passadas de geração em geração de forma oral. E pela peculiaridade de cada narrador, iam sofrendo pequenas alterações na forma, às vezes nos personagens, mas o que contava mesmo era a mensagem. A ideia central deveria ser mantida, ainda que se perdessem os nomes e os ambientes originais. Talvez daí tenha surgido o ditado que diz “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Nas caronas entre Brasília e Goiânia não é diferente. Há várias histórias que circulam de boca em boca, mas que ninguém sabe ao certo com quem, quando ou mesmo se aconteceram. O que não impede que elas sejam ouvidas várias vezes, e de fontes diferentes. Tornaram-se propriedade dos membros da comunidade e são perpetuadas sem qualquer receio durante o trajeto.

Contam, por exemplo, que um motorista goiano convertido ao islamismo deu carona a um casal de hippies por intermédio da comunidade. Como havia morado um tempo no Irã para conhecer um pouco mais sobre o islã e o Oriente Médio, o goiano tinha alguns contatos no país. Eis que durante a viagem ele recebeu ligação de um amigo iraniano. O casal não conhecia a língua e fez várias perguntas. Quando descobriram que ele era islâmico, o clima esquentou. Acusaram-no de desrespeitar os direitos das mulheres e em pouco tempo estavam gritando que ele era terrorista.

No fim, exigiram que ele parasse o carro enquanto gritavam que ele era homem bomba. Ficaram ali, no meio da estrada, porque não quiseram nem mesmo chegar à próxima cidade no mesmo carro que

¹⁹ Pílula é a designação dada a remédios em formatos comprimidos, pequenos e fáceis de engolir. Na literatura o termo é utilizado para textos em pequenos formatos.

ele. Apesar da pré-seleção que o dono da comunidade faz, quem pega carona está ciente de que pode viajar com vários tipos de pessoa. Nem sempre, os companheiros de viagem terão as mesmas opiniões ou gostos. Ainda dá para “selecionar” o motorista, mas não os outros caroneiros. Por isso, quem opta por esse tipo de transporte tem que estar com a cabeça aberta a novas experiências, ou simplesmente ignorar o que ouve.

Outro caso conhecido é o do colchão voador. Um rapaz acabara de se mudar para Brasília e ainda estava trazendo parte da mudança. Várias peças de uma cama de casal estavam no banco traseiro enquanto o estrado e o colchão iam amarrados (com barbante) no teto do carro. Por azar, no meio da viagem começou a chover. O passageiro, que era conhecido do motorista, teve de abrir a janela para segurar o colchão que ameaçava voar. Não adiantou muito, pouco depois que passaram por Alexânia, o colchão e o estrado se soltaram e voaram pela pista. Felizmente, nenhum carro vinha atrás deles. Fizeram o retorno, mas encontraram apenas o colchão ensopado. Depois de muito trabalho, conseguiram prendê-lo novamente ao teto do carro e chegar a Brasília, onde o colchão ficou dois dias no sol até secar.

Um dos eventos brasilienses mais conhecidos por quem faz o trecho entre Brasília e Goiânia é o encerramento das comemorações de Pentecostes que acontecia todo ano no Parque Leão²⁰, ao lado do Riacho Fundo na saída de Brasília. O engarrafamento é lendário, alguns caroneiros ficaram cerca de quatro horas parados nas proximidades do parque. Sabendo disso, muitos motoristas desenvolveram rotas alternativas. Segundo contam, um motorista gabava-se por saber um caminho que não o faria perder tempo no trânsito nem Pentecostes. Animados pela ideia, vários caroneiros se animaram em viajar para Goiânia naquele fim de semana. No entanto, parte da estrada era de terra, e o carro ficou preso em um buraco. Estava meio escuro e todos os passageiros tiveram que descer e carregar o carro de volta para a estrada.

Quem se arrisca a viajar de carona corre o risco de acabar encontrando um motorista sem noção. Há um que fuma maconha durante o trajeto, um que é plantonista e por isso sempre viaja com uma mão no teto porque se cochilar ela cai e ele acorda e um que não deixa ninguém dormir. Este último desenvolveu uma técnica para assustar

20 Em 2011 houve uma mudança na programação de Pentecostes e o evento foi transferido do Parque Leão para o Taguaparque, em Taguatinga.

tanto os dorminhocos que eles não conseguem nem cochilar durante o resto do percurso. Quando percebe que alguém está dormindo ele combina com todo mundo do carro para gritar quando ele der o sinal. Então ele espera que não tenha nenhum carro por perto na rodovia e abre a contagem. Enquanto todo mundo grita ele pisa no freio de uma vez, liga a luz interna do carro e quem estava dormindo acorda assustado acreditando que aconteceu um acidente.

Há um caso que ficou marcado pela imprudência do motorista. O carro estava lotado e nem todas as malas couberam no porta-malas, parte da bagagem foi colocada junto com os passageiros já apertados no banco de trás. Sem preocupar-se com a situação incômoda dos caroneiros, o motorista e sua namorada fumaram durante todo percurso e o som permaneceu ligado numa altura pouco razoável. Durante o trajeto os passageiros perceberam que o motorista parecia não estar enxergando bem, ficava saindo da faixa e estava com o rosto cada vez mais próximo ao para-brisas. Os caroneiros estavam tensos no banco de trás, e para piorar a situação, quando o trânsito parou no meio do caminho o motorista informou que estava sem o documento de habilitação e com os óculos arranhados. Preocupado, não apenas com a possível blitz, mas também pela própria segurança um dos passageiros se ofereceu para dirigir até chegar a Brasília.

Depois de um tempo, como as notícias de carona correm, descobriram que o motorista era hiperativo, tomava remédio controlado e tinha contra-indicação para dirigir. Ele estava dirigindo o carro da namorada porque ela tinha medo de dirigir em estrada. Por isso, sempre que estão em caronas com pessoas que ainda não conhecem, os passageiros que estavam no carro naquele dia fazem questão de alertar sobre o casal, para evitar que outros passem pela mesma situação.

Existem também histórias picantes. Entre elas a de um rapaz que voltava de Brasília para Goiânia na companhia de um amigo e trazia de carona apenas uma menina porque o outro carona havia desmarcado na última hora. Conversaram sobre muitas coisas até que, sem saber como, começaram a falar de relacionamentos e, consequentemente, sexo. A menina provocou dizendo que era a favor de sexo sem limites e outras coisas. Segundo contam, todos concordaram em terminar a conversa em um motel na beira da estrada.

O fato de algumas histórias serem perpetuadas sem o nome dos envolvidos não impede que alguém identifique com quem ela aconteceu por uma minúcia ou outra. Por exemplo, um rapaz e sua namorada faziam o caminho entre Brasília e Goiânia com frequência, mas nem sempre viajavam juntos. Em ocasião em que ele viajava sozinho,

acabou descobrindo o que não queria enquanto o pessoal no carro conversava animadamente sobre casos de carona. Entre as histórias contadas de forma escandalosa estava a de uma menina que havia ficado com outra, e que o namorado não fazia a mínima ideia. Vários detalhes o fizeram perceber que a moça em questão era a própria namorada.

CAPÍTULO QUE CHEGA AO FIM

A MAIORIA DOS USUÁRIOS da comunidade virtual *Eu vou para GYN BSB de carona* são estudantes, principalmente da Universidade de Brasília (UnB). Entre estes, há aqueles que se enturmam assim que entram na universidade e voltam para Goiânia só mesmo quando os pais dão um ultimato ou para alguma festa especial. Outros que não se adaptam muito bem e voltam quase que semanalmente – inclusive, talvez não se acostumem justamente porque vivem entre uma cidade e outra, sem fixar-se de fato.

Neste último caso se encaixa Juliana dos Reis Freitas, 22 anos, estudante do último semestre de comunicação social – “se nada der errado”. Há dez semestres na UnB, dois a mais que o mínimo do curso, ela está passando por período de muita angústia que antecede a formatura. Se a ansiedade de entrar na universidade foi grande, a de sair é muito maior.

Enquanto trabalha no projeto final, várias memórias vêm à cabeça de Juliana, como em filme. Ela se lembra com clareza da rotina louca de estudos para passar no vestibular, a mudança de cidade e de turma, as novas experiências, o que fez e o que deixou de fazer. As lembranças chegam devagar, sem pedir licença e quando percebe, ela está a assistir um longa-metragem de cinco anos.

A primeira vez que esteve em Brasília, aos 17 anos, foi para fazer a última prova do Programa de Avaliação Seriada (PAS), no fim de 2006. A ideia de participar do processo seletivo era apenas a de se preparar para outros vestibulares, uma vez que era “quase impossível passar pelo PAS”. Nunca imaginou que aquela viagem seria o caminho para tantas outras que se seguiriam nos próximos anos.

Na ocasião foi de van, acompanhada de outros sete colegas e um professor. Achou Brasília um lugar difícil de andar e não entendeu

porque ninguém sabia fornecer qualquer informação de endereço. Foram muitas voltas até que o motorista encontrasse a tal W3 Sul (isso lá é nome de rua?), onde ficariam hospedados numa pequena pousada, mais barata que hotel. Mal sabiam que em menos de dois anos nada daquilo existiria mais²¹.

Se a primeira impressão da cidade não foi das melhores, a da UnB foi ainda pior. As provas foram aplicadas no que mais tarde se descobriu ser um dos pavilhões. As salas tinham paredes de vidro, por onde raios de sol entravam, não havia qualquer ventilador e, para piorar, um carro estacionado às margens do Lago Paranoá tocava uma seleção inteira de pagode a toda altura. Como estava fora dos limites da universidade, não foi possível fazer com que desligassem o som.

No entanto, mesmo que tudo parecesse tão estranho, Juliana não pensou duas vezes quando saiu o resultado positivo da prova. A vontade de sair de casa era tamanha que ela nem mesmo prestou vestibular em Goiânia. Além do mais, ruim por ruim, também não gostava da estrutura da Universidade Federal de Goiás (UFG), pelo menos o ensino de jornalismo da UnB era mais bem conceituado.

Ser aprovada no vestibular foi fácil comparado à saga de conseguir moradia. Deveria existir classificado de imóveis em Brasília só para quem não é da cidade, com legendas e mapas. A sopa de letrinhas e de siglas não dizia nada aos pais de Juliana. Não conseguiam saber a que distância os endereços estavam da universidade, se havia ônibus, ou qualquer outra coisa. Fora os preços. Pelo valor de uma casa de três quartos em Goiânia, mal conseguiriam alugar uma quitinete em Brasília. Muita dor de cabeça, inúmeras noites sem dormir e algumas coincidências depois, o problema de moradia foi resolvido. Juliana acabou por conseguir vaga na república da namorada do amigo do primo da prima.

A mudança foi tranquila. Os primeiros dias longe de casa, pura festa. Ter em mãos a quantia que o pai lhe dava semanalmente parecia incrível, até descobrir que dinheiro não se multiplica, pelo contrário. Foi preciso aprender a economizar, ver o que realmente era essencial comprar no supermercado e guardar uma quantia para emergências.

Na universidade sofreu outro choque de realidade. Sentia-se excluída da turma em que todos se conheciam da escola ou das

21 Em maio de 2008 o governo do Distrito Federal fechou todas as pousadas da W3 Sul por irem contra o plano urbanístico da cidade que definia aquela como área residencial.

reuniões que fizeram durante o período de matrícula e das quais não participou por estar em Goiânia. Os assuntos também eram muito diferentes. Falavam sobre lugares que ela não conhecia, eventos aos quais não tinha ido e viagens para o exterior. Como poderia participar de tudo aquilo se nunca saíra muito além de Goiás? Foi preciso quase dois anos até que Juliana conseguisse pelo menos deixar de se sentir excluída.

Enquanto isso, se Brasília não a agradava, Goiânia parecia cada dia mais atraente. Ali tudo era conhecido, próximo, a verdadeira casa. A única coisa chata era ter que correr toda sexta-feira para a rodoviária, esperar um tempão, embarcar no ônibus (onde sempre tinha alguém ouvindo música no celular sem fone de ouvido ou alguma criança birrenta, além do frequente mau cheiro), passar quase cinco horas na estrada, e chegar à rodoviária de Goiânia, onde os pais esperavam para levá-la para casa.

Juliana destaca que um dos grandes problemas para quem faz o trajeto de ônibus é a falta de concorrência. Como é a única opção para quem faz o trajeto Goiânia/Brasília é a Viação Aragarina, não há preocupação da empresa em melhorar o atendimento aos clientes, que muitas vezes têm de viajar em ônibus sucateados, com risco de ficar pelo caminho.

Oficialmente, a Viação Goiânia consta como concorrente da Aragarina no trajeto, porém as duas pertencem ao Grupo Odilon Santos e a Viação Goiânia tem apenas ônibus executivos, cuja passagem é muito mais cara. Em 2010, a procuradora da República Mariane Guimarães de Mello, do Ministério Público Federal em Goiás, entrou com uma ação contra as empresas de transporte rodoviário Viação Aragarina e Viação Goiânia por explorarem o percurso Goiânia/Brasília por mais de 50 anos sem licitação. Em agosto de 2010, o Grupo Odilon Santos perdeu a concessão para o trecho.

As linhas foram autorizadas administrativamente em 1959 e 1960, sem qualquer concorrência. Já houve tentativas de licitar o trecho, entre março e agosto de 2008, porém, acabou sendo adiada para dezembro de 2009 e, posteriormente, para dezembro de 2011. De acordo com o ministério público, as duas empresas podem participar da concorrência, mas se uma delas ganhar, a outra fica automaticamente impedida de operar o trecho. Até a conclusão da licitação, as empresas Aragarina e Viação Goiânia devem garantir a continuidade do serviço.

As viagens via Aragarina também renderiam boas histórias. Nessa época Juliana embarcou em ônibus estragado que parou no

meio na estrada e teve que esperar a empresa mandar outro, em outra viagem viu um bêbado que estava incomodando os demais passageiros ser deixado no posto da polícia pelo motorista, sentou-se ao lado de velhinhas que tinham papo para todo o trajeto – e que continuavam falando mesmo quando ela fechava os olhos e fingia dormir –, “perdeu” um MP3 player, entre outras coisas.

Para felicidade dela, no entanto, o ir e vir de ônibus durou pouco mais de seis meses. Tudo mudou quando um conhecido que entrou na UnB na mesma época que ela comentou sobre a existência de uma comunidade no Orkut que oferecia carona para Goiânia. A primeira reação foi achar o outro completamente louco. “Pegar carona pela internet? Você está doido? Nós vamos morrer.” Mas ela pensou bastante e chegou à conclusão de que se morresse “pelo menos não estaria sozinha”, o que foi conforto suficiente para fazer o teste.

Análise da primeira viagem: mais rápida, mais barata, mais divertida. O único problema foi quando chegou em casa e não na rodoviária. “Uai, menina, como que você veio?” Juliana jura que pensou em contar a verdade, mas além de parecer muito desgastante, tinha a impressão de que nunca mais poderia pegar carona. Então optou por uma meia verdade: “Com um amigo do Luan”. Como conhecia a família de Luan Calaça há muito tempo, a mãe ficou mais tranquila.

Na semana seguinte, o tal Luan não iria em horário que desse para ela ir e Juliana voltou a viajar de ônibus. Achou ainda mais cansativo, demorado, barulhento. Decidiu que ainda que a facilidade de viajar implicasse em perigo iminente de morte, valia a pena. Passou a procurar caronas por conta própria, mas em casa continuou dizendo que ia com os amigos do Luan. Mais tarde, quando já estava convicta de que a comunidade era segura, contou para a mãe, Vera Lúcia, com quem realmente viajava.

Vera, professora de português, trabalhava com adolescentes e ouvia com frequência sobre criminosos que atraíam vítimas pela internet, por isso ficou extremamente apreensiva. Preferia que a filha viajasse de ônibus, mesmo que isso significasse que ela tinha que ir embora no domingo logo depois do almoço para não chegar muito tarde a Brasília. Porém, pouco tempo depois, era ela a questionar se Juliana havia conseguido carona. Hoje, a preocupação não é mais com pegar carona pela internet, mas com a estrada e motoristas imprudentes. Por isso, faz questão que Juliana ligue assim que chegar em casa, independente do horário, e quando demora um pouco mais que o normal, é ela quem liga para saber se está tudo bem.

Para quem nunca tinha colocado os pés em Brasília até o fim de

2006, hoje Juliana já percorreu o trecho para a cidade tantas vezes que se assusta quando tenta calcular. Como fez o percurso praticamente todos os fins de semana durante cinco anos, exceto férias, são aproximadamente 200 viagens de ida e volta. No total, passou cerca de 1.200 horas na estrada, o equivalente a 50 dias e mais 88.000km rodados, mais de duas voltas completas ao redor da terra.

Mais de quatro anos nessa rotina semanal renderam a Juliana algumas histórias. Por exemplo, quando em uma de suas idas para Goiânia ela deu trabalho ao motorista. Nessa época morava na quadra 715, na Asa Norte. Apesar de ser um lugar acessível, muitas pessoas tinham dificuldade em achar. Depois de dar várias voltas na quadra sem encontrar a tal distribuidora sobre a qual ela morava, o motorista parou em um ponto de referência e pediu que ela o encontrasse.

Nesse dia, estavam no carro apenas Juliana, o motorista e a irmã dele. Ela não se lembra do nome de nenhum dos dois, mas tem na memória vários detalhes daquela viagem. Recorda-se que a conversa não rendeu muito e ela resolveu jogar qualquer coisa no celular. Porém, estava tão cansada que dormiu com o telefone na mão. Estaria tudo bem se o carro não tivesse um buraco para o cinto de segurança bem onde Juliana estava com o braço apoiado. Enquanto ela dormia, o aparelho caiu no buraco.

Como costumava ligar para a mãe abrir o portão ao chegar em casa, Juliana sentiu falta do celular. Quando não o encontrou, pediu que ligassem nele para localizá-lo. Para azar, a música começou a tocar de dentro do buraco do cinto de segurança. Tentaram pegar com a mão, não funcionou. Acabaram batendo no aparelho e ele caiu ainda mais fundo. A irmã do motorista, que tinha a mão mais fina, tentou recuperá-lo. Nada.

Juliana ligou para a mãe do celular de um dos dois, entrou em casa e pegou um daqueles pegadores de macarrão antigos. Contudo não conseguiam firmar o aparelho para agarrá-lo. Tentaram até mesmo abrir a parte plástica do carro, o que também não deu certo. Tudo isso acontecia na rua, na porta da casa dela, quase à meia-noite.

Nesse ponto, a vergonha que Juliana sentia já era maior que o desespero por perder o aparelho. Pediu que eles deixassem para lá e fossem embora. O motorista ainda foi camarada e prometeu que passaria em uma oficina no dia seguinte e traria o celular para ela. No sábado, mais ou menos na hora do almoço ele cumpriu o prometido. Juliana agradeceu muito e pediu mil desculpas. Foi a primeira e última vez que pegou carona com aquele menino, nunca mais conseguiria olhar para ele sem lembrar de todo embaraço que causou.

Por culpa do celular também, Juliana já levou uma das maiores broncas da sua vida. Ou melhor, por falta dele. Era uma sexta-feira meio chuvosa e ela tinha aula até 18h. Como o trânsito desse horário é muito intenso, muitos caroneiros preferem esperar uma ou duas horas para o tráfego diminuir. Assim, ela só conseguiu carona para 20h com um rapaz com quem nunca tinha viajado. Como era costume, ligou para a mãe, avisou que sairia naquele horário e chegaria aproximadamente às 23h.

Como tinha muito tempo, chegou da faculdade tranquila, arrumou as malas e sentou-se na sala para assistir televisão com as colegas de república. O relógio marcou 20h, marcou 20h30 e nada de a carona chegar. A essa altura, ela que sempre teve obsessão por horário e sempre foi superpontual, era a aflição em pessoa. Com muito custo, esperou mais quinze minutos antes de ligar. Estava preparada para o pior, tinha certeza que o caroneiro pediria desculpas por tê-la esquecido. Mas ele estava todo animado ao atender o telefone, disse que estava um pouquinho atrasado, mas que chegaria logo.

Para Juliana, a noção de “pouquinho atrasado” e “logo” dele estavam completamente distorcidas, mas ficava feliz por não ter sido deixada para trás. O rapaz demorou no mínimo mais 45 minutos para chegar e quando estacionou na frente do bloco agiu de forma normal como se tivesse chegado na hora marcada e nem comentou sobre o atraso. Nessa confusão, Juliana esqueceu-se de ligar para a mãe avisando que sairia mais tarde.

Embarcaram numa viagem animada. O motorista, Alberto Oliveira, era muito falante, já tinha morado na França e adorava conversar sobre cultura e outras amenidades. Além disso, era fã de culinária e fazia questão de parar para lanchar durante as viagens. Em geral variava o lugar da parada para poder conhecer o maior número de lugares. Nesse dia pararam no Sabor Goiano, na entrada de Abadiânia. A parada foi longa, e todos estavam meio estressados pelo atraso, mas Alberto parecia ignorar tudo que acontecia a sua volta, para ele a viagem toda era uma curtição.

O celular de Juliana ficou sem bateria e ela não percebeu. Quando chegou em casa, aproximadamente à 1h, a mãe já estava desesperada. Havia acordado no meio da noite e percebido que a filha que deveria ter chegado há duas horas ainda não estava em casa, não havia dado nenhuma notícia e, pior, não atendia o telefone. Não é de estranhar que até hoje ela se lembre da bronca que recebeu.

Aquela primeira viagem com Alberto ficou na memória. Tempos depois voltou a viajar com ele e descobriu que ele nem se descul-

para por chegar atrasado porque aquilo tudo era rotina. Ele marcava a saída às 19h, só que sempre saía depois das 20h30. Como Juliana já sabia como funcionava, avisava para a mãe que sairia às 21h, já calculando uma margem de duas horas de espera.

Os caroneiros quase fixos de Alberto já estavam cientes de seus atrasos monumentais. Tanto que certa vez quando ele ligou lá pelas 20h para avisar que estava na porta, Juliana teve que sair correndo, desligar o computador e colocar o restante das coisas dentro da mochila. Quando chegou ao carro pediu desculpas pela demora, e explicou que o esperava mais tarde. Alberto riu e emendou: “Não se preocupe. O Vinícius ainda estava tomando banho quando passei por lá”.

Quanto aos problemas, Juliana se diz agradecida por nunca ter passado por nada grave. Talvez o episódio mais difícil tenha sido quando um pneu do carro em que estava furou, e mesmo assim foi complicado para os outros, pois ela apenas observou todo o processo de troca. Furar pneu é percalço de viagem que não se pode prever nem evitar, assim como os acidentes e protestos que vez ou outra impedem o trânsito na BR-060. O motivo normalmente é o mesmo: falta de segurança. São frequentes os atropelamentos de moradores das cidades cortadas pela rodovia que se arriscam a atravessar de um lado para o outro.

Algumas vezes, quando acontece um atropelamento mais grave, os moradores se revoltam e fecham a rodovia para protestar e exigir passarelas, lombadas etc. Foi um destes protestos que proporcionou outra pequena aventura de viagem a Juliana. Era noite, no carro, além dela e do motorista, um casal no banco de trás. Alcançaram a fila de carros parados há aproximadamente cinco quilômetros da entrada de Abadiânia.

Até então, não sabiam o que estava acontecendo, imaginaram que podia ser um acidente. Torceram para que não fosse nada grave para que a pista pudesse ser liberada rapidamente, desejo que não se concretizou. Os carros não andavam nada, sinal de que nenhuma pista estava liberada. Os passageiros do carro e os outros parados ao lado começaram a ficar bastante ansiosos. Muitos desceram dos carros para descobrir qual o problema, e motoristas mais nervosos entravam pelo acostamento para tentar cortar o congestionamento. Um ônibus parado pouco a frente não gostou do atrevimento e atravessou o acostamento para impedir os apressadinhos.

Enquanto isso a namorada do motorista ligou para saber se ele já estava chegando, o casal no banco de trás desceu do carro e andou

pela rodovia para ver o que tinha acontecido e tamanho do engarrafamento. As notícias que trouxeram não eram animadoras, havia protesto em Abadiânia. O engarrafamento se estendia vários quilômetros a frente.

Nisso, vários carros começaram a tentar pegar a pista que voltava para Brasília. Inspirado pela ideia, o motorista desceu do carro e foi dar uma olhada se era possível atravessar. Como estava muito escuro, voltou ao carro, onde guardava uma lanterna no porta-luvas. Outros se juntaram a ele para analisar a ilha que dividia a rodovia, inclusive outro menino que também era membro da comunidade e vinha logo atrás. Para atravessar era preciso passar por um buraco feito para escoamento de água.

Encontraram um ponto onde seria possível atravessar. Foi preciso que todos saíssem do carro para conseguir passar. Voltaram um pedaço do caminho até encontrar uma estrada de terra que daria em Abadiânia, onde todo o trabalho pareceu ter sido em vão, pois era impossível passar pela cidade. Pararam em uma lanchonete para pedir informações, o que custou uma meia dúzia de pães de queijo e não ajudou muita coisa. Por fim, encontraram um morador local que estava indo para Anápolis e resolveu ajudá-los. Conseguiram atravessar a cidade de um lado para outro no único ponto que estava liberado e entraram em uma estradinha de terra estreita, mas que felizmente levava a um ponto na rodovia uns dois quilômetros a frente do engarrafamento.

Recentemente, Juliana sentiu a sensação de quem é deixado para trás. Marcou a volta para Brasília com um colega já conhecido, Rafael Leão. Uma das características mais marcantes de Rafael em relação às caronas sempre foi pontualidade. Assim, Juliana fez questão de chegar às 19h no ponto de encontro, como combinado. Dez minutos depois, Rafael não tinha chegado, mas para ela tudo bem, ele poderia ter ficado preso no trânsito. Quando deu 19h20, ela ligou. O telefone chamou até cair.

Não poderia ser bom sinal, mas ainda quis acreditar que ele estava dirigindo e não atendeu. Esperou mais cinco minutos antes de começar a ligar desesperadamente. Como da primeira vez, o telefone chamava, chamava e ninguém atendia. Às 19h40, Juliana tinha certeza que ele não apareceria. Atravessou a rua até uma lanchonete em frente onde tinha rede *wi-fi*. Iria tentar achar uma nova carona, ainda que estivesse em cima da hora.

No entanto, o computador não conseguiu acessar a rede. Sem mais alternativas, Juliana entrou no carro com os pais e voltou para

casa. No caminho, numa última tentativa desesperada, mandou uma mensagem para um rapaz com quem falara mais cedo, cujo carro estava cheio. “Leandro, te liguei mais cedo e você disse que o carro já estava lotado. Sei que você leva apenas duas pessoas atrás, mas não tem como abrir uma exceção? Acabei de ser deixada para trás”.

Ela achou que uma mensagem seria a forma mais educada, pois se ele não quisesse levá-la poderia apenas fingir que não recebera. Porém, cinco minutos depois Leandro ligou dizendo que a levaria. Como estava do lado da casa dela para buscar outro menino, Juliana mal chegou em casa e ele estacionou na porta. Mais tarde Rafael ligou para pedir desculpas e explicar que havia trancado o carro com a chave dentro, assim como o celular e a carteira. A seguradora demorou mais de uma hora para mandar socorro.

Na semana seguinte, quando pararam para lanchar no Sabor Goiano, Juliana encontrou o fundador da comunidade, Kazutoyo Suga. Ele brincou que ela estava dando trabalho e perguntou quem a tinha deixado para trás. Ela explicou toda a situação e ele comentou que como era o Rafael ele acreditava que era realmente o que tinha acontecido. Foi aí que ela percebeu que o Kazu está sempre atento ao que acontece na comunidade, e que se alguém pisar na bola, está fora.

Para Juliana, esses cinco anos na estrada renderam muitos amigos. Alguns continuam nessa vida de ir e vir. Outros estão formados, casados ou simplesmente deixaram de percorrer a estrada. Mas todos deixaram lembranças. A rotina de ir e vir, a convivência com pessoas que passam pelas mesmas experiências que ela, as diferenças de pensamento, mudou a forma com que ela encara o mundo.

Por isso, a iminência do fim deste capítulo em sua vida a faz pensar mais uma vez em tudo isso, relembrar tantas histórias. E ela espera que o ponto final nesta página e neste trabalho seja apenas o primeiro passo para começar um capítulo melhor.

Impresso em Mr Eaves e Mrs Eaves
Dezembro de 2011



A proximidade entre Brasília e Goiânia é um fator que incentiva o grande trânsito entre as duas cidades, em especial de jovens que saem de uma para cursar o ensino superior ou trabalhar na outra. Esse fluxo favoreceu o nascimento de grupos de caroneiros que posteriormente se organizaram em uma comunidade de caronas que funciona em duas grandes redes sociais, Orkut e Facebook. Hoje a comunidade é formada por centenas de pessoas que percorrem esse trajeto frequentemente e que serviram de universo de pesquisa para este trabalho. O livro De carona com histórias é resultado da observação participante desse processo.